

Faculdade Canção Nova

Renné Santos de Sena Viana

O Lugar do artigo de fé da Parusia no Carisma Canção Nova

Cachoeira Paulista

2025

Faculdade Canção Nova

Renné Santos de Sena Viana

O Lugar do artigo de fé da Parusia no Carisma Canção Nova

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de bacharel em Teologia na Faculdade Canção Nova sob a orientação do Prof. Me. Wilker Henrique Costa Fiuza.

Cachoeira Paulista

2025

RENNÉ SANTOS DE SENA VIANA

O Lugar do artigo de fé da Parusia no Carisma Canção Nova

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de bacharel em Teologia na Faculdade Canção Nova sob a orientação do Prof. Me. Wilker Henrique Costa Fiuza.

_____ em 12 de novembro de 2025

Grau _____

Banca Examinadora:

Prof. Me. Wilker Henrique Costa Fiuza - orientador
Faculdade Canção Nova

Prof. Me. Pe. Luiz Gustavo Uchoa da Silva
Faculdade Canção Nova

Prof. Dr. Marcius Tadeu Maciel Nahur
Faculdade Canção Nova

Cachoeira Paulista
2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de forma especial ao Padre Jonas Abib (*in memoriam*), fundador da Comunidade Canção Nova, porque pelo seu sim a Deus, pela generosidade da sua entrega de vida e a sua fidelidade, o Carisma Canção Nova foi possível e hoje é uma grande força de evangelização na Igreja do Brasil. Dedico ainda a todos os meus irmãos da Comunidade Canção Nova, que junto comigo receberam a missão de salvar almas em vista da vinda gloriosa de Jesus. Todos juntos formamos um corpo que busca com a santidade apressar a Vinda Gloriosa do Senhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me vocacionado ao sacerdócio e ao Carisma Canção Nova, mesmo diante da minha indignidade. Aos meus familiares, principalmente aos meus pais, Roberto de Sena Viana e Claudete Santos de Sena Viana, que pelo sim me deram a vida e pela educação que me deram me formaram nas bases do homem de Deus que hoje busco ser. Agradeço também ao meu irmão, Roberto de Sena Viana Júnior, por todo carinho e amor que recebo.

Agradeço ainda ao Padre Jonas Abib (*in memoriam*), meu pai fundador. Sem ele nada disso seria possível. Foi com ele que aprendi a viver em vista da Parusia. Ele me ensinou que Jesus está voltando e que tudo que fizer pela salvação das almas ainda é pouco em comparação com a graça futura de estar na presença de Jesus. Ao meu pai fundador o meu mais sincero agradecimento pelo modelo de sacerdócio a ser seguido.

Meu agradecimento também se estende aos co-fundadores da Comunidade Canção Nova, Luzia Santiago e Wellington Jardim (Eto), que foram o apoio e o sustentáculo durante muitos anos da missão de fundador recebida pelo Padre Jonas. Muito se deve ao sim generoso deles. Agradeço também a todos os meus irmãos de comunidade. Sem eles isso não seria possível. A Canção Nova só tem razão de existir na perspectiva de sermos comunidade, o carisma não se vive isoladamente. A eles o meu muito obrigado, porque sem eles não seria possível caminhar na beleza desse carisma.

Por fim, agradeço a generosidade do povo de Deus. Sem as doações do Sócio Evangelizador os meus estudos não seriam possíveis. A Comunidade Canção Nova vive da Providência Divina que se manifesta na simplicidade e na generosidade de pessoas bondosas que tiram do que é seu para sustentar essa obra de Deus. A eles os meus mais sinceros agradecimentos.

“Somos feitos para cantar a glória de Deus. Precisamos ensaiar desde agora. Há muito pouco tempo de ensaio. Logo, logo, o Maestro virá e não tardará!”
(Monsenhor Jonas Abib).

RESUMO

A Escatologia é um dos tratados da teologia dogmática que aborda as coisas últimas, a consumação da criação. Dentro dela há um artigo de fé de singular importância que é a Parusia, a vinda gloriosa de Jesus. Este artigo fundamenta a vivência do cristão que caminha em direção à eternidade, buscando viver uma vida de santidade, basta olhar para o testemunho da era apostólica e encontrar a expectativa pelo retorno do Senhor que movia a vida dos primeiros cristãos. Sendo assim, esse trabalho investiga a presença deste artigo de fé no Carisma Canção Nova, como um fundamento teológico. De forma sistemática apresenta-se primeiro uma compreensão geral da escatologia, depois se apresenta o Carisma Canção Nova na sua história e nas suas definições e por fim, se apresenta a correlação entre o artigo de fé da parusia e o carisma citado. Conclui-se então que é possível encontrar este artigo de fé como um dos fundamentos teológicos da identidade do carisma, da sua espiritualidade e da sua missão.

Palavras-chaves: Escatologia; Parusia; Carisma Canção Nova.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: ESCATOLOGIA	11
1.1 - Definição e seu lugar na teologia	11
1.2 - Visão geral da Escatologia	14
1.2.1 - Escatologia pessoal	15
1.2.2 - Escatologia universal	17
1.3 - O Artigo de fé da Parusia	19
CAPÍTULO II: O CARISMA CANÇÃO NOVA	29
2.1 - Breve histórico da Corrente de Graça da Renovação Carismática Católica	29
2.2 - O carisma nas Novas Comunidades	33
2.3 - Breve histórico da Comunidade Canção Nova	35
2.3.1 - Padre Jonas Abib	36
2.3.2 - Comunidade Canção Nova	39
2.4 - Fontes do Carisma Canção Nova	41
2.5 - O Carisma Canção Nova	43
CAPÍTULO III: A PARUSIA NO CARISMA CANÇÃO NOVA	46
3.1 - A Parusia e a definição do Carisma Canção Nova	46
3.2 - A Parusia e a espiritualidade da Canção Nova	50
3.2.1 - A espiritualidade de encontros	51
3.2.2 - O “ponto alto” da espiritualidade da Canção Nova	52
3.3 - A Parusia e a missão da Canção Nova	56
3.3.1 - A finalidade do Carisma Canção Nova	57
3.3.2 - O modelo de São João Batista	58
3.3.3 - A característica de “urgência” da Evangelização	59
3.3.4 - A pregação sobre a Parusia	60
3.3.5 - Maranathá	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

A teologia católica é fundamentada na fé dos apóstolos e na Sagrada Escritura. Desde o início, o cristianismo se desenvolveu na base teológica do ensinamento bíblico e patrístico, confirmadas pelo Magistério da Igreja. Essas verdades continuam chegando aos dias de hoje pelo testemunho dessas fontes e por uma compreensão mais clara dos dogmas sempre professados.

Nesta fé, herdada como um tesouro apostólico, professa-se a fé na escatologia, que pode ser compreendida como a área da teologia que estuda as coisas últimas, dividida em escatologia universal e escatologia particular. Crê-se que a obra da criação tende para a sua consumação no fim dos tempos, mostrando assim que a criação visa a escatologia e existe uma correspondência entre ambas.

Dentro da escatologia, mais especificamente da escatologia universal, encontra-se um artigo de fé que tem como base os escritos do Novo Testamento, principalmente as cartas paulinas, mas também encontra o seu fundamento no desenvolvimento deste tema na patrística e na teologia posterior. É o artigo de fé que professa a parusia, a segunda vinda de Jesus.

Esse artigo de fé possui um lugar na identidade do Carisma Canção Nova, bem como na espiritualidade e na missão. O fundador da comunidade, Padre Jonas Abib, nos documentos escritos para a Comunidade Canção Nova, apresenta, dentre outras coisas, a expectativa pela Segunda Vinda de Jesus como a finalidade para a missão da Canção Nova, que é Formar Homens Novos para o Mundo Novo.

A presente pesquisa correlaciona o artigo de fé da parusia com a identidade do carisma Canção Nova, mostrando as raízes teológicas da identidade e da vivência missionária da Comunidade Canção Nova, mais especificamente a fundamentação escatológica deste carisma. O presente trabalho analisa um campo de pesquisa até aqui inexplorado, contribuindo assim com o aprofundamento teológico do citado carisma. Contribui também de forma prática para os membros da comunidade que vivem para realizar a missão de evangelizar desenvolvida por esse carisma e para um aprofundamento acadêmico deste determinado tema.

O primeiro capítulo desenvolve uma visão geral da escatologia, passando por suas diversas etapas e considerando a divisão clássica entre escatologia pessoal e escatologia universal, dando um destaque ao artigo de fé da parusia.

Já o segundo capítulo apresenta um breve histórico do Carisma Canção Nova. Trabalha as raízes remotas deste carisma passando pela Corrente de Graça da Renovação Carismática Católica e o surgimento de Novas Comunidades, para assim abordar as raízes históricas da vida do fundador da comunidade, Padre Jonas Abib, e os inícios da comunidade. Destaca também as experiências que fundamentam a vida dos membros, sendo concluído com as definições e as fontes deste carisma.

Por fim, o terceiro capítulo apresenta a correlação existente entre o artigo de fé da Parusia e o Carisma Canção Nova, destacando três lugares em que esse artigo se tornou um dos fundamentos teológicos. Em primeiro lugar a própria identidade do carisma, em segundo a espiritualidade, e em terceiro a missão, levando em consideração a experiência do Encontro Pessoal com Jesus e o Batismo no Espírito Santo.

CAPÍTULO I: ESCATOLOGIA

O estudo teológico apresenta diversas ramificações que podem ser chamadas de tratados e um deles é a escatologia, que busca abordar os últimos acontecimentos da revelação cristã expressando, assim, a fé na ‘parusia’, termo que indica a ‘vinda’ de Cristo no fim da história. Desde os primeiros dados da Sagrada Escritura e da Doutrina Católica, principalmente nos Padres da Igreja, encontram-se referências escatológicas que ao longo dos séculos vão sendo aprofundadas e melhor explicitadas. Basta lembrar os sermões escatológicos de Jesus encontrados nos evangelhos e as referências escatológicas nas cartas paulinas.

O conteúdo da Escatologia foi desde sempre presente na Profissão de Fé da Igreja, expresso de forma condensada nos seus Símbolos de Fé. Este mesmo conteúdo compõe também o anúncio da fé em Jesus Cristo feito aos pagãos e se torna um critério para a adesão da Fé Católica.

Assim, nas linhas que se seguem, serão abordadas algumas definições gerais da escatologia, buscando focar o estudo em um artigo de fé escatológica específico, que é a Parusia.

1.1 - Definição e seu lugar na teologia

A origem da palavra escatologia vem do grego “*ta eschata*” que comumente é traduzido por “coisas derradeiras”¹. A dogmática católica usa o termo para se referir aos acontecimentos finais ligados à consumação da criação, que são eles: o céu, o inferno, o purgatório, o juízo final, o juízo particular, a morte, a ressurreição da carne e a parusia. Este termo, na doutrina católica, está ligado à consumação do mundo, ao fim esperado para toda a obra da criação.

O estudo escatológico não se funda somente no futuro, mas já tem seu início no presente. Ele aborda o futuro da criação no seu desenvolvimento normal. Compreender isso é fundamental para um aprofundamento teológico que envolve uma vida prática e não simplesmente uma especulação teológica. A escatologia, como é entendida hoje, “reflete a esperança da consumação”², por isso é cheia de esperança e não de temor. Compreendida de

¹ NOCKE, Franz-Josef. Escatologia. In: SCHNEIDER, Theodor (org.). **Manual de Dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2012, v. II, p. 340.

² *Ibid.*, p. 340.

forma correta, a escatologia delinea a conduta do cristão nas coisas práticas da vida, preparando-os para um evento futuro sem abandonar o presente.

A escolástica, principalmente com os seus manuais, outorgou à escatologia o lugar de último tratado da dogmática, justamente por abordar as coisas últimas.³ No entanto, a teologia mais recente busca apresentar a escatologia como a doutrina da consumação, chamando-a muitas vezes de “futuro da criação”⁴ ou “páscoa da criação”⁵, ligando-a assim à protologia e apresentando-a como “correspondência à doutrina da criação”.⁶ “Escatologia é o evangelho da autorrevelação de Deus como realizador de sua criação”⁷. Muller chega a afirmar que “como a mariologia está para a antropologia, assim está a escatologia para a protologia, correspondendo a doutrina da realização à doutrina da criação.”⁸ Nesta perspectiva percebe-se que o conteúdo escatológico possui uma ligação íntima tanto com a protologia, quanto com a cristologia e a trindade. Muller afirma:

O adjetivo escatológico não serve apenas como determinação de todas as realidades que virão depois da morte "como últimas", mas serve, sobretudo para refletir sobre a temática da autorrevelação do Deus trino a partir do ponto de vista de sua decisão definitiva pela salvação do ser humano. Deus pronunciou-se como escatológico, quer dizer, definitivo e sem arrependimento como horizonte, conteúdo e realização da existência humana e o direcionamento transcendental do ser humano, já posto como base na criação, revela-se como sua origem e objetivo. Na criação e na realização Deus se revela como o mesmo, como "o primeiro e o último" (Is 41,4), como "o vivente" (Ap 1,18), como "o alfa e o ômega, o primeiro e o último" (Ap 22,13).

Nesta perspectiva é importante salientar que o presente não está desconexo do conteúdo escatológico a ser estudado, pelo contrário, “o presente deve ser entendido como parte de uma história com alvo determinado”⁹. Os enunciados escatológicos colocam assim em referência todo o percurso histórico, deslocando-se do futuro como objeto de estudo único e apontando para toda a obra da criação.

O Reino de Deus pregado por Jesus Cristo está no centro de sua mensagem (Mc 1, 15), mas aparentemente aponta uma problemática quando se refere a sua concretização. O reino não pertence a este mundo (Jo 18,36), nem virá de forma ostensiva (Lc 17, 20), mas no anúncio de Jesus já está próximo.

³ MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática Católica: teoria e prática da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 365.

⁴ NOCKE, *op. cit.*, 2012, p. 340.

⁵ PEÑA, Juan L. Ruiz de la. **La Pascua de la Creación**. Escatologia. Madrid: BAC, 2011, p. 123.

⁶ MÜLLER, *op. cit.*, p. 365.

⁷ *Ibid.*, p. 376.

⁸ *Ibid.*, p. 365.

⁹ NOCKE, *op. cit.*, 2012, p. 373.

A literatura bíblica veterotestamentária trouxe para as primeiras páginas do novo testamento a expectativa pela irrupção do reino de Deus prometido pelos profetas, por isso, ao se enxergar Jesus como o messias esperado se espera dele a concretização de uma esperança “messiânico-política”¹⁰, apontando Jesus como um messias político e revolucionário, ligado de forma estrita à estrutura histórica da época. No entanto, o reino de Deus anunciado por Jesus foge da estrutura messiânico-política. Ao mesmo tempo que o reino está próximo ele também já está no meio do povo (Lc 17,20s.), mostrando assim que o reino ultrapassa as estruturas histórico-sociais pré-estabelecidas.

A escatologia entende que o reino profetizado no antigo testamento, anunciado por Jesus no novo testamento e esperado pela Igreja, já está no meio do seu povo e já teve o seu início, no entanto ainda aguarda a sua consumação no fim do mundo. Esse “já” e “ainda não” a teologia chama de “tensão escatológica”.

Portanto, o reino de Deus é ambas as coisas: ele já está presente e ainda não está, já é atuante e ainda está por vir, já é experimentável e ainda é objeto da esperança. Muitas vezes é justamente essa tensão entre “já” e “ainda não” (melhor: “ainda por vir”) que se tem em mente quando se denomina reino de Deus uma grandeza escatológica.¹¹

O “já” do reino de Deus se manifesta por meio da Igreja. O Concílio Vaticano II por meio da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* apresentou uma ligação estrita entre escatologia e eclesiologia, principalmente quando mostra que a missão salvífica de Cristo se prolonga pelos séculos por meio da Igreja. De forma misteriosa “o reino de Deus já está presente na Igreja em mistério e cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus”¹² Continua afirmando o concílio:

Quando Jesus, depois de haver sofrido a morte na cruz pelos homens, ressuscitou, apareceu como Senhor, Messias e Sacerdote eterno (cf. At 2,36; Hb 5,6; 7,17-21), e derramou sobre os seus discípulos o Espírito prometido pelo Pai (cf. At 2,33). A partir de então a Igreja, enriquecida pelos dons do seu fundador e observando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar e instaurar em todas as gentes o reino de Cristo e de Deus, e constitui ela própria na terra o germe e o início deste reino. Entretanto, no seu lento crescer, aspira ao reino perfeito, e com todas as suas forças espera e deseja unir-se ao seu Rei na glória.¹³

¹⁰ *Ibid.*, p. 345.

¹¹ *Ibid.*, p. 346.

¹² CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *LUMEN GENTIUM* SOBRE A IGREJA. In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997, n. 3.

¹³ *Ibid.*, n. 5.

O “ainda não” do reino se manifesta na espera escatologia do Cristo glorioso. No seio da Igreja já se contempla o reino começado, mas se aguarda ansiosamente a sua consumação, que “será atingida, finalmente, pela parusia de Jesus Cristo.”¹⁴ O Catecismo da Igreja Católica, no n. 671, condensa essa tensão escatológica quando afirma:

Enquanto tudo não for submetido a ele, “enquanto não houver novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça, a Igreja peregrina leva consigo, em seus sacramentos e em suas instituições, que pertencem à idade presente, a figura deste mundo que passa. Ela mesma vive entre as criaturas que, até o presente, gemem e sofrem como que dores de parto e aguardam a manifestação dos filhos de Deus”. Por este motivo os cristãos oram, sobretudo na Eucaristia, para apressar a volta de Cristo, dizendo-lhe: “Vem, Senhor Jesus” (Ap 22,20).

A tensão escatológica aponta a situação em que a escatologia se encontra hoje de um reino começado, mas que ainda aguarda ser consumado. Em outras palavras, a obra da criação iniciada que caminha no hoje da história em direção a sua páscoa. Este é o lugar da escatologia católica na teologia e tudo o que a envolve tem sua devida importância.

1.2 - Visão geral da Escatologia

Os diversos autores que abordam a escatologia como um aspecto da teologia dogmática escolhem diferentes abordagens e focos para a apresentação do conteúdo. Isso não significa que haja uma hierarquia de importância ou uma classificação de certo e errado, mas mostra a diversidade do tema e a possibilidade de abordá-lo de diversos modos.

Na atualidade a escatologia ganhou um destaque no meio das disciplinas teológicas, a ponto de ser, no século passado, reconhecida por Von Balthasar como uma “zona tempestuosa”¹⁵ da teologia e agora vista como “proprietária do terreno inteiro da teologia”.¹⁶ Essa mudança significativa deve-se a diversos aspectos, como o avanço no estudo exegético e o surgimento de diversas correntes filosóficas (iluminismo, marxismo, existencialismo, historicismo etc.). Essas mudanças e avanços históricos influenciam na metodologia de abordagem da escatologia, possibilitando diversas interpretações escatológicas, ora focando no aspecto histórico, ora no aspecto pessoal, ora no aspecto antropológico, ora no aspecto existencial, ora no aspecto exegético etc. Isso abre vastos caminhos para o estudo escatológico.¹⁷

¹⁴ NOCKE, *op. cit.*, 2012, p. 373.

¹⁵ BALTHASAR, 1974, p. 404 *apud* RATZINGER, Joseph. **Escatologia**. São Paulo: Molokai, 2020.

¹⁶ RATZINGER, *op. cit.*, 2020, p. 27.

¹⁷ A abordagem escatológica recente tende a caminhar por dois caminhos de interpretação, baseados em dois teólogos que exerceram grande influência na atualidade. O primeiro deles é Rudolf Bultmann com os conceitos

Tradicionalmente na explanação dos teólogos da Igreja, principalmente no Novo Testamento e nos Padres da Igreja, a escatologia era compreendida em dois polos: um de caráter mais universal, onde se abordava a manifestação do Senhor e o destino final de toda a humanidade no juízo final; e um segundo polo, destacado também no Novo Testamento e nos Padres da Igreja, que é o destino particular do homem logo após a morte. Ladaria expressa da seguinte forma:

A manifestação do Senhor e a sorte da humanidade, de um lado, e o destino pessoal de cada um no momento da morte, de outro, foram os dois polos em torno dos quais girou a escatologia cristã. De acordo com as épocas, deu-se prioridade a um ou a outro aspecto. Mas os dois sempre estiveram presentes na reflexão eclesial, desde as ricas intuições, muitas vezes fragmentárias, dos Padres mais antigos, até as sistematizações mais coerentes da escolástica e a redescoberta da dimensão escatológica inerente à totalidade do mistério cristão.¹⁸

Semelhante à metodologia usada por Ladaria é a metodologia usada por Nocke que chama a manifestação do Senhor e o destino final da humanidade de “Escatologia geral (coletiva, universal)” e o destino pessoal de “Escatologia individual”.¹⁹ Com os mesmos termos Gerhard Muller divide a Escatologia na sua Dogmática Católica.²⁰

Fundamentando-se nesta metodologia tradicional, o presente trabalho busca adotar esta divisão da escatologia, entendendo como Nocke que “ela não deixa de ter problemas - a relação íntima entre ambas facilmente poderia ser perdida de vista - mas tem a vantagem de possibilitar uma apresentação mais articulada”²¹, e também porque favorece as declarações da Igreja em definições escatológicas.

1.2.1 - Escatologia pessoal

A Escatologia pessoal, ou também chamada de escatologia individual, aborda as realidades escatológicas vividas de maneira particular por cada pessoa. São elas ligadas posteriormente ao destino final e podem ser expressas em afirmações dogmáticas sobre a morte, o juízo particular, o céu, o purgatório e o inferno.

de “Cristo da fé” e “Jesus histórico”; e o segundo deles é Jurgen Moltmann com a sua “Teologia da Esperança”. Além desses pode-se citar a influência de Karl Barth, Oscar Cullmann e Johann Baptist Metz como influenciadores do estudo escatológico recente, mas o presente trabalho não tem como objetivo aprofundar as contribuições teológicas diretas ou indiretas desses autores e sem desprezá-los busca apresentar um panorama mais geral da escatologia, afunilando o seu estudo ao artigo de fé específico da Parusia.

¹⁸ LADARIA, L. F. Fim do homem e fim dos tempos. In: SESBOÜÉ, Bernard. **O Homem e sua Salvação**. São Paulo: Loyola, 2003, tomo 2, p. 346.

¹⁹ Cf. NOCKE, *op. cit.*, 2012, p. 339.

²⁰ Cf. MÜLLER, *op. cit.*, p. 366.

²¹ NOCKE, *op. cit.*, 2012, p. 339.

O primeiro componente desta escatologia pessoal é a morte. Para a doutrina católica, a morte “é o fim da situação de peregrino”²², é “o término da vida terrestre”²³, é a partida deste mundo “onde a alma é separada do corpo”²⁴ e a ele será unida novamente na ressurreição dos mortos.

A Igreja sempre afirmou com o apóstolo Paulo que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6, 23a) e que “embora o homem tivesse uma natureza mortal, Deus o destinava a não morrer.”²⁵ Portanto, “a morte foi contrária aos desígnios de Deus criador”²⁶, no entanto, Cristo transforma a morte e lhe dar novo sentido, transformando o que outrora era maldição em benção²⁷. Em Cristo a morte ganha um caráter de união, sendo ela a promotora do encontro com Cristo e de uma união antes desconhecida.

Imediatamente após a morte acontece o juízo particular, em que o homem “coloca sua vida em relação à vida de Cristo, seja por meio de uma purificação, seja para entrar de imediato na felicidade do céu, seja para condenar-se de imediato para sempre”.²⁸ Esse juízo distingue-se do juízo final²⁹, que acontecerá por ocasião da Parusia, e mostra que “o status final não começa, pois, somente no último dia”.³⁰ O juízo particular aponta para três possíveis horizontes, definidos pela doutrina católica como céu, purgatório e inferno.

O céu é o “lugar”³¹ do convívio dos eleitos, da “suprema beatitude”³², ainda que a palavra lugar não seja propícia para definir o que é o céu, preferindo muitas vezes apresentá-lo como um “*status*”, um estado da alma. Pode-se dizer que “o céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidades suprema e definitiva”.³³ O céu é a vida perfeita com a Santíssima Trindade, é a comunhão de vida e amor com ela, com a Virgem Maria, os anjos e todos os bem-aventurados.³⁴ “Viver no céu é estar com Cristo”³⁵, é gozar da felicidade eterna, é contemplar Deus em sua glória. Por isso a Igreja

²² MÜLLER, *op. cit.*, p. 367.

²³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 5. ed. Brasília: CNBB, 2022, n. 1007.

²⁴ *Ibid.*, n. 1005.

²⁵ *Ibid.*, n. 1008.

²⁶ *Ibid.*, n. 1008.

²⁷ cf. *Ibid.*, n. 1009.

²⁸ *Ibid.*, n. 1022.

²⁹ Ver 1.2.3.

³⁰ MÜLLER, *op. cit.*, p. 367.

³¹ GARRIGOU-LAGRANGE, R. **O Homem e a Eternidade**. A vida eterna e a profundidade da alma. Campinas, SP: CEDET, 2018, p. 237.

³² *Ibid.*, p. 237.

³³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, *op. cit.*, n. 1024.

³⁴ Cf. *Ibid.*, n. 1024.

³⁵ *Ibid.*, n. 1025.

ensina que a luz da fé (*lumen fidei*) neste momento é substituída pela luz da glória (*lumen gloriae*)³⁶, pela eterna contemplação de Deus face a face.

Um segundo horizonte aberto pelo juízo particular é o da doutrina acerca do purgatório. Em relação a este a Igreja afirma que “os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantido sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do céu”.³⁷ O Concílio de Florença (1431 - 1445) afirmou a existência do purgatório e o Concílio de Trento (1545 - 1563) reafirmou esta doutrina outrora tão combatida.³⁸ Purgatório é a purificação final dos eleitos, garantindo assim, após esta purificação, a felicidade eterna do céu. Esta compreensão é essencial para distinguir a purificação dos eleitos, do castigo dos condenados, que é chamado de inferno.

A doutrina sobre o inferno o apresenta como o “estado de autoexclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados”³⁹, estado esse conquistado pelo pecado mortal e pelo não arrependimento, fechando-se assim a misericórdia de Deus. Portanto, o inferno não é a crueldade de Deus para com a sua criatura, mas, “o paradoxo dos paradoxos”⁴⁰, ele é a misericórdia de Deus rejeitada pela liberdade humana. Por trás da doutrina acerca do inferno há a demonstração do respeito de Deus para com a liberdade humana, não ferindo-a mesmo que esta separe o homem do seu eterno amor.⁴¹ A graça de Deus não basta ser revelada, ela precisa também ser acolhida.

A escatologia pessoal perpassa pelos temas aqui apresentados, mas não termina em si mesma, ela aponta para a escatologia universal e abre espaço para novos temas também componentes da escatologia cristã.

1.2.2 - Escatologia universal

O que a dogmática chama de escatologia universal são os eventos escatológicos relacionados ao fim do mundo que envolvem toda a criação. São eles a parusia, a ressurreição dos mortos, o juízo universal e os novos céus e a nova terra.

³⁶ MÜLLER, *op. cit.*, p. 367.

³⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, *op. cit.*, n. 1030.

³⁸ Cf. DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Loyola, 2007, n. 1580 e 1820.

³⁹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, *op. cit.*, n. 1033.

⁴⁰ Cf. MÜLLER, *op. cit.*, p. 397.

⁴¹ Cf. *Ibid.*, p. 396.

O primeiro desses eventos escatológicos universais é a *parusia*⁴² onde Cristo voltará em glória para julgar os vivos e os mortos. Esse evento corresponde ao cumprimento da promessa de Cristo nos sermões escatológicos (Mt 24-25; Mc 13; e Lc 21) e no livro do Apocalipse (Ap 22, 20).

Associada intimamente à *parusia* está a ressurreição dos mortos, professada pela Igreja no credo e objeto de fé desde a era apostólica. São Paulo já manifestava essa doutrina⁴³ no escrito mais antigo do Novo Testamento, a primeira carta aos Tessalonicenses. Professa o apóstolo: “Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.” (1 Ts 4, 16). Este evento antecede o juízo final e será “a hora em que todos os que repousam nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão; os que tiverem feito o bem para uma ressurreição de vida; os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de julgamento.” (Jo 5, 28-29). A doutrina na ressurreição da carne professa que “não ressuscitaremos numa carne etérea ou em outra qualquer, mas naquela na qual vivemos, subsistimos e nos movemos”.⁴⁴ O IV Concílio de Latrão ainda afirmou:

Imortal e incapaz de sofrer segundo a divindade, ele mesmo (Cristo) se fez passível e mortal segundo a humanidade; depois de ter sofrido na cruz e de ser morto pela salvação do gênero humano, desceu aos infernos, ressuscitou dos mortos e subiu ao céu; mas desceu em alma e ressuscitou em carne, subiu igualmente com uma e outra; virá ao fim dos tempos para julgar os vivos e os mortos e para premiar cada um segundo as suas obras, tanto os maus como os eleitos. Todos ressuscitarão com os próprios corpos com que agora estão revestidos, para receber, segundo suas obras, sejam boas ou más, uns a pena eterna com o diabo, outros a glória eterna com o Cristo.⁴⁵

A ressurreição da carne aponta para o juízo universal, ou também chamado de juízo final, onde “diante de Cristo - que é a Verdade - será definitivamente desvendada a verdade sobre a relação de cada homem com Deus”⁴⁶ e Jesus Cristo pronunciará “sua palavra definitiva sobre toda a história”.⁴⁷ A fé da Igreja ensina que neste dia “conhecemos então o sentido último de toda a obra da criação e de toda a economia da salvação, compreenderemos os caminhos admiráveis pelos quais sua providência terá conduzido tudo até o seu fim

⁴² Abordaremos este tema de forma mais aprofundada no próximo item do capítulo.

⁴³ Cf. PAGANOTTO, Diones Rafael. **A Parusia de Cristo segundo Paulo**: um estudo exegético-teológico de 1 Ts 4, 13-18. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18371>>. Acesso em: 28 maio 2025, p. 155.

⁴⁴ DENZINGER, *op. cit.*, n. 540.

⁴⁵ *Ibid.*, n. 801.

⁴⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, *op. cit.*, n. 1039.

⁴⁷ *Ibid.*, n. 1040.

último”.⁴⁸ Com isso, fica evidente que o juízo universal abarcará todos os homens e a história, pronunciando uma palavra definitiva sobre toda a obra da criação.

Imediatamente após o juízo universal, o Reino de Deus, já começado nesta terra com Cristo e na Igreja, chegará a sua plenitude. A Igreja será “consumada na glória celeste, quando chegar o tempo da restauração de todas as coisas, e quando com o gênero humano, também o mundo inteiro, que está unido intimamente ao homem e por ele atinge o seu fim, será totalmente reconciliado em Cristo”.⁴⁹ A isto a Sagrada Escritura chamou de “novos céus e nova terra” (2 Pd 3,13), um universo novo onde toda lágrima será enxugada, onde não existirá mais morte, luto, clamor ou dor. Nesta Jerusalém celeste as coisas antigas não existirão mais, tudo será novo (Ap 21, 1-8).

O Concílio Vaticano II na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje apresentou de forma clara a doutrina a respeito dos novos céus e nova terra, reafirmando que a restauração de toda a criação também comporta o mundo material. Declara o concílio:

Ignoramos o tempo em que a terra e a humanidade atingirão a sua restauração, e também não sabemos que transformação sofrerá o universo. Porque a figura deste mundo, deformada pelo pecado, passa certamente, mas Deus ensina-nos que prepara uma nova habitação e uma nova terra, na qual reina a justiça e cuja felicidade satisfará e superará todos os desejos de paz que surgem no coração dos homens. Então, vencida a morte, os filhos de Deus ressuscitarão em Cristo e aquilo que foi semeado na fraqueza e corrupção, revestir-se-á de incorruptibilidade; permanecendo a caridade e as suas obras, toda criatura que Deus criou para o homem será libertada da escravidão da vaidade.⁵⁰

Com um olhar panorâmico sobre a Escatologia Universal é possível perceber que ela tem como eixo central o evento da Parusia, porque é a partir dele que os eventos escatológicos da ressurreição dos mortos, do juízo final e da nova criação se desenvolvem. Isso mostra que o evento escatológico da Parusia possui um “conteúdo”⁵¹ (ressurreição dos mortos, juízo final e nova criação) e se destaca na escatologia em geral.

1.3 - O Artigo de fé da Parusia

⁴⁸ *Ibid.*, n. 1040.

⁴⁹ CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *LUMEN GENTIUM* SOBRE A IGREJA, *op. cit.*, n. 48.

⁵⁰ CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *GAUDIUM ET SPES* SOBRE A IGREJA NO MUNDO DE HOJE. In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997, n. 39.

⁵¹ BRUSTOLIN, Leomar Antônio. **Quando Cristo vem...**: a parusia na escatologia cristã. São Paulo: Paulus, 2001, p. 12.

Ao longo dos séculos a Igreja Católica apresentou a sua fé por meio de símbolos e definições.⁵² O surgimento de heresias e controvérsias foram de suma importância para que os elementos doutrinários do dogma se desenvolvessem. O Papa São João Paulo II escreveu uma Constituição Apostólica chamada "*Fidei Depositum*", com o qual publica o Catecismo da Igreja Católica em uso atualmente. Nesta constituição o papa define a missão da Igreja ao afirmar já na introdução: "Guardar o Depósito da fé é a missão que o Senhor confiou à Igreja e que ela cumpre em todos os tempos."⁵³ A clareza dos termos desta definição é de extrema importância pois revela que a Igreja é guardiã do Depósito da Fé que lhe foi confiado pelo próprio Senhor. Ou seja, a fé professada pela Igreja durante XXI séculos é a fé que lhe foi confiada, não a fé que foi sendo criada ao longo do tempo. Nestas palavras encontramos a expressão de uma fé que se desenvolve por meio dos dogmas, mas antes de tudo uma fé que foi recebida e não criada.

Em 1997, por meio da Carta Apostólica *Laetamur Magnopere*⁵⁴, o Papa São João Paulo II aprova e promulga a edição típica latina do Catecismo da Igreja Católica, apresentando a todo povo de Deus a conclusão de um trabalho ardoroso de estudo e escrita elaborado por um grupo de bispos comandados pelo então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o Cardeal Joseph Ratzinger, que futuramente se tornaria o Papa Bento XVI.

O texto é apresentado como um guia seguro da fé católica a ser professada e ensinada, por isso mesmo, um texto de caráter doutrinal. São João Paulo II chegou a afirmar que o texto "é uma exposição da fé da Igreja e da doutrina católica, testemunhadas ou iluminadas pela Sagrada Escritura, pela Tradição apostólica e pelo Magistério da Igreja".⁵⁵ Afirmou ainda que ele é "um instrumento válido e legítimo a serviço da comunhão eclesial e como uma norma segura para o ensino da fé"⁵⁶, exortando também os Pastores da Igreja e os fiéis a usarem como texto de referência, seguro e autêntico, para o ensino da doutrina católica.

A primeira parte do Catecismo da Igreja Católica apresenta a exposição da Profissão de Fé da Igreja, o chamado símbolo dos apóstolos. O catecismo divide o credo em 12 artigos que são expostos como condensadores da fé da Igreja. Sobre o símbolo Santo Tomás de Aquino observou que "o ato [de fé] do crente não termina num juízo, mas numa realidade; pois, não formamos juízos senão para, deste modo, chegarmos ao conhecimento da realidade,

⁵² Cf. DENZINGER, *op. cit.*.

⁵³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, *op. cit.*, p. 14.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 7.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 19.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 19.

tanto na ciência como na fé”.⁵⁷ O presente trabalho visa um olhar atento ao artigo 7, “Donde virá julgar os vivos e os mortos”, onde se professa mais especificamente a fé na parusia.

O termo *paroousia*, do grego, significa “presença, vinda”.⁵⁸ No contexto político ele já era usado no mundo greco-romano para indicar “a chegada, a visita oficial dos imperadores como manifestação de sua soberania”.⁵⁹ No império, a parusia de um César era vista como inauguradora de um novo tempo, uma nova era. O imperador era saudado na sua parusia como senhor e portador da salvação. A expectativa estava presente no povo que aguardava a vinda do imperador e tinha a esperança de pela sua vinda conseguir benefícios para si. Isso mostra que a parusia, já no âmbito político, era vista com um caráter de festa e júbilo.⁶⁰

O Antigo Testamento não usa o termo parusia, mas se encontra nos profetas a expressão “dia do Senhor” (Am 5, 18; Sf 1, 14; Is 2, 12-22) para designar a manifestação do Senhor, o seu triunfo e o seu juízo na história.⁶¹ Joseph Ratzinger observa que a parusia no sentido político e o significado de parusia no Antigo Testamento possuem um caráter litúrgico.⁶² A chegada do imperador é uma espécie de liturgia romana imperial sendo executada. Já na literatura veterotestamentária os termos “clamor” e “trombeta”, ligados a manifestação do Senhor, possuem uma representação escatológica ligada a Festa Jubilar judaica, onde se celebrava o Ano-Novo, a Lua Nova. Dessa forma, “a descrição de parusia traz em si, ao mesmo tempo, traços de epifania do soberano e da festa de ano-novo e sua liturgia”.⁶³ Ou seja, já no Antigo Testamento se delineia o caráter litúrgico da manifestação do Senhor, da parusia.

O Novo Testamento apresenta o termo parusia 24 vezes⁶⁴ designando o advento glorioso de Cristo no fim dos tempos. Nos escritos neotestamentários o termo ganha um “caráter cristológico”.⁶⁵ As cartas pastorais apresentam o termo “epifania” (1 Tm 6, 14; Tt 2, 13.) para designar ora o advento de Cristo na pobreza, ora o advento de Cristo glorioso. Os evangelhos sinóticos também apresentam o termo quando abordam os discursos escatológicos de Jesus, mas o texto do Novo Testamento que apresenta a parusia de forma estruturada, ligada a todos os eventos escatológicos subsequentes, é 1 Cor 15, 23-28.

⁵⁷ SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. 4. ed. Tradução de Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 2016. v. 3, II-II, q. 1, a. 2, ob. 2.

⁵⁸ PARUSIA. In: *Dicionário Teológico Enciclopédico*; São Paulo: Loyola, 2003, p. 572.

⁵⁹ PEÑA, *op. cit.*, p. 572.

⁶⁰ Cf. *Ibid.*, p. 124.

⁶¹ Cf. PARUSIA, *op. cit.*, p. 572.

⁶² RATZINGER, *op. cit.*, 2020, p. 225.

⁶³ *Ibid.*, p. 225.

⁶⁴ Cf. PEÑA, *op. cit.*, p. 125.

⁶⁵ PARUSIA, *op. cit.*, p. 572.

Cada um, porém, em sua ordem: como primícias, Cristo; depois, aqueles que pertencem a Cristo, por ocasião da sua Vinda (parusia). A seguir haverá o fim, quando ele entregar o reino a Deus Pai, depois de ter destruído todo Principado, toda Autoridade, todo Poder. Pois é preciso que ele reine, até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído será a Morte, pois ele tudo pôs debaixo dos pés dele. Mas, quando ele disser: “Tudo está submetido”, evidentemente excluir-se-á aquele que tudo lhe submeteu.

O apóstolo Paulo é claro ao apresentar um resumo dos eventos escatológicos universais, ligando a parusia (versículo 23), a ressurreição dos mortos (todo o capítulo 15 da carta), o juízo (versículos 24-26), e a nova criação (versículo 28). Com isso, fica claro na escatologia do Novo Testamento que “a irrupção (de Cristo) é a entrada em cena do verdadeiro Imperador, a sua chegada significa a queda dos elementos do mundo[...] além disso, ela significa, também, a chegada de um novo ano do Senhor, do eterno banquete de bodas que Ele celebra com os seus”.⁶⁶

Não demorou muito para que os Padres da Igreja pregassem sobre este artigo de fé e o professassem no símbolo dos apóstolos. Encontramos como testemunho de fé, na *Didaqué*, a expressão neotestamentária “*maranata*”, que manifestava a expectativa pela vinda do Senhor e comumente era usada na Igreja primitiva. Diz o texto: “Venha a Tua graça e passe este mundo! Amém. Hosana à casa de Davi (Mt 21, 15). Venha aquele que é santo! Aquele que não é (santo), faça penitência: maranata! (1 Cor 16,22; Ap 22,20). Amém.”⁶⁷

No período patrístico só encontramos na Carta a Diogneto⁶⁸ e no Pastor de Hermas⁶⁹ a expressão parusia para definir a vinda de Jesus em glória.⁷⁰ Nos escritos de Justino de Roma⁷¹ encontramos o termo técnico de “vinda gloriosa” e este mesmo autor apresenta a distinção entre “primeira vinda” e “segunda vinda”, como também “vinda sem glória” e “vinda em glória”.⁷² Santo Irineu⁷³ e outros autores patrísticos também conhecem essas distinções. Franz Nocke, resgatando o significado dos termos patrísticos, afirma que a expressão comumente usada hoje para definir a parusia é “retorno de Cristo”, mas julga que essa expressão não é a melhor, por poder dar um sentido de repetição de algo que já aconteceu. Fundamentando-se nos padres da Igreja, o referido autor, julga ser melhor abordar o termo “vinda gloriosa”

⁶⁶ RATZINGER, *op. cit.*, 2020, p. 225-226.

⁶⁷ PADRES APOSTÓLICOS. **Patrística**. São Paulo: Paulus, 1995. *Didaqué*, n. 10,6.

⁶⁸ Cf. PADRES APOLOGISTAS. **Patrística**, *op. cit.*, Carta a Diogneto, n. 7,6.

⁶⁹ Cf. PADRES APOSTÓLICOS, **Patrística**, *op. cit.*, O pastor de Hermas, n. 58,3.

⁷⁰ Cf. PEÑA, *op. cit.*, p. 130.

⁷¹ Cf. JUSTINO DE ROMA. **Patrística**, *op. cit.*, Diálogo com Trifão, 31,1; 49,8.

⁷² Cf. JUSTINO DE ROMA. **Patrística**, *op. cit.*, I Apologia 35,8; 52,3. Diálogo com Trifão 14,8; 49,2.7; 53,1; 54,1.

⁷³ Cf. IRINEU DE LIÃO. **Patrística**, *op. cit.*, Contra as Heresias, Livro IV, 22,1-2; 33,11.

porque expressa melhor a parusia e permite a distinção entre a vinda em humanidade na encarnação e a vinda escondida que acontece por meio dos sacramentos.⁷⁴

Este artigo de fé da parusia foi se consolidando com o tempo e foi presente desde os primeiros símbolos da fé professados pela Igreja, sempre ligando a vinda gloriosa com o juízo.⁷⁵ O Concílio Vaticano II em duas de suas Constituições Dogmáticas, a saber, a *Dei Verbum*⁷⁶ e a *Lumen Gentium*⁷⁷, mencionam nos textos o artigo da parusia quando abordam a Revelação e o caráter Escatológico da Igreja.

Quando a Igreja professa a sua fé na parusia ela está professando a fé na vinda gloriosa de Jesus, crendo que aquele mesmo Senhor que se encarnou no seio da Virgem Maria e se manifestou na humanidade através do seu Natal, um dia se manifestará novamente, mas desta vez em glória. A fé na parusia corresponde à espera do cumprimento da profecia contida nos Atos dos Apóstolos após o relato da Ascensão de Jesus: “Homens da Galileia, porque estais aí a olhar para o céu? Este Jesus, que foi arrebatado dentre vós para o céu, assim virá, do mesmo modo como vistes partir para o céu” (At 1, 11). Profecia esta que foi apresentada pelo próprio Jesus no evangelho de Mateus: “Pois o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um de acordo com o seu comportamento” (Mt 16, 27). O Catecismo da Igreja Católica, n. 673, explica da seguinte forma:

A partir da ascensão, a vinda de Cristo na glória é iminente, embora não nos caiba "saber os tempos ou momentos que o Pai determinou com a sua autoridade" (At 1,7). Este acontecimento escatológico pode ocorrer a qualquer momento, ainda que estejam "retidos" tanto ele como a provação final que há de precedê-lo.

A comunidade cristã primitiva conservava de forma muito viva a espera pela parusia, a ponto de problemas internos surgirem e precisarem ser corrigidos pelas autoridades. É o caso da comunidade de Tessalônica, fundada por Paulo na sua segunda viagem missionária (At 17, 1-4) a quem ele dirigiu uma primeira carta por volta do verão do ano 50 d.C..⁷⁸ Nesta carta é possível perceber que o tema da Vinda do Senhor é muito presente (1 Ts 5, 1-11.) e o apóstolo já se preocupa em corrigir alguns erros sobre essa realidade, como a questão dos mortos por ocasião da Vinda do Senhor (1 Ts 4, 15.). À mesma comunidade é dirigida uma segunda carta, por volta do ano 50-52 d.C., em que Paulo apresenta novamente o tema da

⁷⁴ Cf. NOCKE, Franz. *Escatología*. Barcelona: Herder, 1984. p. 62.

⁷⁵ Cf. DENZINGER, *op. cit.* n. 6; 10-30; 40-42; 44; 46; 48; 50; 55; 60; 61-64; 76; 125; 150.

⁷⁶ CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *DEI VERBUM* SOBRE A REVELAÇÃO DIVINA. In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997, n. 4.

⁷⁷ CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *LUMEN GENTIUM* SOBRE A IGREJA, *op. cit.*, n. 28; 48.

⁷⁸ BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Tradução de Samuel Martins Barbosa *et al.* São Paulo: Paulus, 2002, p. 1956.

Vinda do Senhor, mas agora apresentando os sinais que a precederá (2 Ts 2, 17). Também nesta carta o apóstolo adverte a comunidade em vista de um problema que eles enfrentavam. Alguns no meio da comunidade não queriam trabalhar porque acreditavam que a Vinda do Senhor era iminente, no entanto, Paulo os exorta apresentando uma regra: “quem não quer trabalhar também não há de comer.” (2 Ts 3, 10). O contexto da comunidade de Tessalônica mostra também que a expectativa pela parusia era muito presente na vivência da comunidade. Em outros escritos neotestamentários este artigo de fé é retomado, a ponto de brotar da boca da comunidade, como forma de oração, a expressão “*maranathá*” (1 Cor 16, 22), que significa “Vem Senhor Jesus”.

O Novo Testamento apresenta uma visão positiva da parusia e mostra que além de uma fé professada este artigo era uma fé vivenciada. A consciência da vinda do Senhor era presente na concepção cristã das comunidades primitivas, como vimos exemplos no Novo Testamento e na Patrística, mas não se pode afirmar que isso foi vivenciado de forma constante. Romano Guardini, fazendo uma análise sobre a Vinda do Senhor na Igreja primitiva e no desenvolver dos séculos afirma:

A primitiva comunidade cristã acreditava em uma vinda iminente do Senhor, de modo que muitos aspectos de sua vida e atitude só podem ser explicados nessa perspectiva. Mas pouco a pouco esta convicção foi se perdendo. A existência cristã não estava mais sujeita à pressão que impelia aqueles que viviam na angústia a entregarem-se apaixonadamente à novidade que, como se esperava, viria a qualquer momento. O desprezo e a perseguição haviam cessado. Ser cristão passou a ser algo normal, e acabou mesmo por converter-se em uma condição lógica da existência em geral. Surgiu então uma sociedade e uma cultura cristã que, por sua própria natureza, deseja não um fim dramático, mas duração e plenitude. Com a Idade Moderna, muda completamente a concepção do mundo. Sob a influência do desenvolvimento científico, a existência cósmica e a história passaram a ser consideradas como magnitudes autônomas governadas por suas próprias leis internas. Nessa situação, a crença numa vinda de Cristo que poria um fim a esta existência do mundo passou a ser considerada, necessariamente, como um absurdo.⁷⁹

Guardini aprofunda ainda mais a sua leitura histórica sobre a parusia e afirma que hoje, falta à comunidade cristã aquela ligação entre parusia e vivência. Escreve ele:

Não estaríamos exagerando se disséssemos que a convicção de que um dia vai acontecer o retorno do Senhor perdeu sua importância central até mesmo na vida cristã. Atualmente, essa vinda é vista como um evento distante, tão distante que podemos passar sem ele. Entre esse acontecimento e a existência pessoal ergue-se, como uma muralha, a concepção científica do universo. Ora, isso não significaria a perda de algo essencial à vida cristã? O ser cristão instalou-se nos parâmetros do mundo. E assim se tornou, enquanto “cultura cristã”, um elemento a mais do mundo

⁷⁹ GUARDINI, Romano. **O Senhor**: reflexões sobre a pessoa e a vida de Jesus Cristo. São Paulo: Cultor de Livros, 2021, p. 699.

em que vivemos, e o retorno do Senhor é considerado simplesmente como um componente do fim da história, que acontecerá espontaneamente, pela força das leis naturais. Por isso, nos dias de hoje, falta à existência cristã aquela tensão que caracterizou os primeiros séculos do cristianismo.⁸⁰

A leitura de Guardini⁸¹ vem ao encontro de tantos fatos sociais, culturais e científicos que aconteceram no desenvolvimento do tempo e estão entre a Igreja primitiva e a Igreja hoje. Guardini desenvolve a sua interpretação dentro de um diálogo de fé e existência muito comum no século XX, principalmente com o advento da filosofia existencialista. Mas a visão de Guardini não é a única. Joseph Ratzinger também apresenta uma leitura deste artigo de fé ao longo da história e tem como princípio não tanto a concepção existencialista, mas a concepção teológica.

Ratzinger recorda que o artigo de fé da parusia também anuncia o juízo final e em determinados momentos da história se sobressai uma visão escatológica em relação a outra, foi o que aconteceu na Idade Média.⁸² O artigo do juízo final, enfatizado no período medieval, “levou a consciência cristã por vezes a formas que anularam praticamente a fé plena na salvação e na promessa da graça.”⁸³ Enquanto a Igreja primitiva tinha como expoente da sua fé na parusia a oração litúrgica do “*maranathá*”, a teologia medieval enfatizou o artigo do juízo com o “*dies irae*”, o dia da ira.

O dia da vinda gloriosa na comunidade primitiva era celebrado com esperança e júbilo, mostrando que os fiéis portavam uma grande expectativa pelo cumprimento desta promessa, assim como traziam na sua vida cotidiana a certeza de que a vinda seria iminente. A fé na parusia era a fé na consumação do Reino de Deus.⁸⁴ A vinda gloriosa de Jesus era celebrada com esperança porque nela toda a criação chegaria a sua páscoa.⁸⁵ No entanto, o enfoque no artigo do juízo final no período medieval fez o artigo da parusia ser carregado de medo e terror, fazendo os homens aguardar esse dia como o dia em que se manifestaria a ira de Deus. “O retorno de Jesus era visto apenas na ótica do juízo, como dia de ajuste de contas que ameaçava todo ser humano.”⁸⁶ Essa visão muda todo o enfoque da doutrina escatológica.

Na mudança dos tempos se percebe também uma mudança na compreensão da parusia. Ela sai de uma promessa de esperança e passa a se tornar somente uma promessa de

⁸⁰ *Ibid.*, p. 699-700.

⁸¹ A leitura desenvolvida por Guardini também é pertinente no meio teológico, principalmente no campo da escatologia. Teólogos como Rudolf Bultmann “retiraram” da escatologia artigos de fé como o da parusia, a ponto de esvaziar o conteúdo escatológico fundamentados em uma visão de homem moderno e no avanço científico.

⁸² Cf. RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2005, p. 239.

⁸³ *Ibid.*, p. 239.

⁸⁴ Cf. NOCKE, *op. cit.*, 1984, p. 63.

⁸⁵ Cf. PEÑA, *op. cit.*, p. 137.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 239.

justiça, reduzindo o cristianismo “praticamente ao moralismo e privando-o do sopro de esperança e de alegria que são as duas verdadeiras manifestações de vida.”⁸⁷ Percebe-se aqui um problema escatológico na interpretação do artigo de fé da parusia que é na verdade a consequência do grande problema escatológico da “velha escatologia”.⁸⁸

Joseph Ratzinger observa que a esperança da salvação foi reduzida ao “salva a tua alma”⁸⁹ no período medieval, permitindo que o estudo escatológico adentrasse em um grande problema. Segundo ele, não se pode falar de uma perda da escatologia neste período, mas sim de um “deslocamento da ênfase”⁹⁰ que tem seus aspectos positivos e negativos. “A questão da salvação pessoal se torna uma questão urgente, que encobre aquela do sentido da história como um todo”.⁹¹ O sentido comunitário da salvação perde espaço para o sentido pessoal da salvação, por isso, “a tarefa da escatológica contemporânea está em integrar as perspectivas, de modo que a pessoa e a comunidade, o presente e o futuro sejam vistos em sua unidade.”⁹²

O mundo moderno é marcado por grandes mudanças no campo social e cultural, mas também no avanço científico. Pode-se perceber mudanças de ordem demográfica e mudanças de ordem espiritual⁹³ que permitem uma mudança na concepção de mundo. Abandona-se uma visão universal e adentra-se em uma visão individualista. Isso também influencia na teologia, mais especificamente aqui, na escatologia. “Na opinião de Bultmann, está ‘liquidada’ a ‘escatologia mítica’ da volta de Cristo e da ressurreição⁹⁴”.⁹⁵ Ratzinger afirma:

De fato, a fé na ressurreição e na transformação do mundo parece estar unida demasiadamente a uma imagem do mundo que não é mais a nossa. Conforme o que ensina a ciência natural de hoje, o movimento não acresce a uma matéria que lhe é anterior e em si sem movimento, mas a matéria, por sua constituição, tem movimento, o movimento é parte da sua própria essência. Assim, o movimento, e consequentemente a mudança contínua, faz parte da essência das coisas. Isso, porém, tem como consequência que o cosmo que no tempo presente é temporal-móvel, segundo a sua essência mais íntima, dificilmente pode ser ainda imaginado como o casulo da vida imutável do hoje eterno da glória da ressurreição.⁹⁶

⁸⁷ *Ibid.*, p. 239.

⁸⁸ Joseph Ratzinger usa este termo para distinguir da escatologia contemporânea que busca responder a este problema. Cf. RATZINGER, *op. cit.*, 2020, p. 40.

⁸⁹ RATZINGER, Joseph. **Dogma e anúncio**. São Paulo: Loyola, 2007, p. 257.

⁹⁰ RATZINGER, *op. cit.*, 2020, p. 37.

⁹¹ Cf. *Ibid.*, p. 37.

⁹² *Ibid.*, p. 38.

⁹³ cf. FRANCA, Leonel. **A Crise do mundo moderno**. Campinas, SP: CEDET, 2019, p. 21-22.

⁹⁴ É preciso recordar aqui que a parusia é um evento escatológico completamente interligado a outros. Na escatologia universal a parusia abre espaço para a ressurreição dos mortos, o juízo universal e os novos céus e a nova terra. Referindo-se a escatologia universal, mais especificamente a ressurreição dos mortos e a volta de Cristo, que Bultmann chama de “escatologia mítica”.

⁹⁵ RATZINGER, *op. cit.*, 2007, p. 258.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 258.

Ao lado deste problema trazido pela modernidade encontra-se os problemas gregos antigos do individualismo e do espiritualismo que “desviaram desde o começo a atenção do universal e do todo”.⁹⁷ Observando-se essas considerações percebe-se o problema escatológico ligado ao artigo de fé da parusia.

O Concílio Vaticano II traz uma resposta para o problema escatológico apresentado.⁹⁸ A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* apresenta no capítulo VII a índole escatológica da Igreja e unido eclesiologia e escatologia apresenta um resgate da parusia tal qual se encontra no Novo Testamento.⁹⁹ O documento devolve ao artigo de fé da parusia a expectativa alegre e confiante da promessa de Jesus. Ela é vista como cumprimento da obra da salvação que já se iniciou e conjuga em harmonia o caráter individual e eclesial (universal) desta obra.

Unidos, pois, a Cristo, na Igreja, e marcados pelo selo do Espírito Santo, "que é o penhor da nossa herança" (Ef 1,14), chamamo-nos e na realidade somos filhos de Deus (cf. 1Jo 3,1), mas não aparecemos ainda com Cristo na glória (Cl 3,4), na qual seremos semelhantes a Deus, porque o veremos tal como ele é (cf. 1Jo 3,2). Assim "enquanto habitamos no corpo, vivemos no exílio longe do Senhor" (2Cor 5,6) e apesar de possuímos as primícias do Espírito, gememos dentro de nós (cf. Rm 8,23) e suspiramos por estar com Cristo (cf. Fl 1,23). Este mesmo amor nos impele a vivermos mais intensamente para aquele que por nós morreu e ressuscitou (cf. 2Cor 5,15). Por isso, nos empenhamos em agradar em tudo ao Senhor (cf. 2Cor 5,9) e nos revestimos da armadura de Deus, para podermos estar firmes contra as maquinações do demônio e resistir no dia mau (cf. Ef 6,11-13). Mas, como não sabemos o dia nem a hora, devemos vigiar constantemente, segundo a recomendação do Senhor, para, ao terminar a nossa única passagem por esta vida terrena (cf. Hb 9,27), merecermos entrar com ele no banquete nupcial, sermos contados entre os benditos do seu Pai (cf. Mt 25,31-46), e não sermos repelidos como servos maus e indolentes (cf. Mt 25,16), para o fogo eterno (cf. Mt 25,41), para as trevas exteriores onde "haverá choro e ranger de dentes" (Mt 22,13; 25,30).¹⁰⁰

O artigo de fé da parusia encontra portanto, no Magistério recente, o seu caráter de “*maranathá*” e de “*dias irae*”, esperança e julgamento, em completa harmonia. A expectativa pela vinda gloriosa de Jesus não se contrapõe ao seu juízo, nem exclui um ao outro, mas mostra que o juiz do universo já é conhecido por quem na fé vive hoje ao seu lado. “Naquele dia do temor, o cristão perceberá surpreso que aquele a quem ‘foi dado todo o poder no céu e sobre a terra’ (Mt 28,18) foi, na fé, o companheiro de seus dias na terra[...]”.¹⁰¹ Nesta perspectiva o problema que envolvia a parusia é superado e aquele artigo do credo que por

⁹⁷ *Ibid.*, p. 259.

⁹⁸ Cf. PEREIRA, Douglas Azevedo. **A Escatologia de Joseph Ratzinger**: análises e contribuições. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=54920&idi=1>> . Acesso em: 10 maio 2025.

⁹⁹ Cf. PEÑA, *op. cit.*, p. 132.

¹⁰⁰ CONSTITUIÇÃO CONCILIAR **LUMEN GENTIUM** SOBRE A IGREJA. *op. cit.*, n. 48.

¹⁰¹ RATZINGER, *op. cit.*, 2005, p. 240.

vezes foi carregado de medo e terror ganha de forma definitiva um caráter de esperança, encontrando na Igreja hoje o seu devido lugar.

CAPÍTULO II: O CARISMA CANÇÃO NOVA

A Parusia é um artigo de fé do credo da Igreja Católica e está inserida no grande campo da teologia, conforme foi apresentado no capítulo primeiro deste trabalho, mas, como tal, implica não somente uma ideia ou uma doutrina, mas uma adesão com consequências práticas. A escatologia, como todo o credo, é acompanhada de uma *lex vivendi*¹⁰², que é precedida de um *lex credendi* e de uma *lex celebrandi*, e sucedida por uma *lex orandi*, ou seja, aquilo que se crê, também se transforma em oração e posteriormente em vida. Essa é a estrutura fundamental da fé cristã. Por isso a importância de se destacar o lugar da sua aplicabilidade na vida cotidiana daquele que foi incorporado a Cristo pelo batismo.

Objetiva-se por meio deste trabalho pesquisar o lugar de importância deste artigo de fé no carisma Canção Nova; e, para isso, faz-se necessário um conhecimento mais aprofundado do carisma, da sua identidade, da sua missão e da sua espiritualidade. Assim, nas linhas que seguem serão abordados alguns fundamentos teológicos e históricos do carisma Canção Nova, permitindo uma visão ampla e detalhada deste objeto de estudo.

2.1 - Breve histórico da Corrente de Graça da Renovação Carismática Católica

O relato de Pentecostes encontrado no livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo dois, revela uma parcela da identidade da Igreja. Conduzida pelo Espírito Santo, a partir daquele dia, a Igreja sai em missão e se espalha por todos os povos. Houve a partir daquele acontecimento uma diáspora do evangelho. Tal fato recorda que na identidade primeira da Igreja encontra-se a ação do Espírito Santo que conduz Jesus e após a sua ascensão auxilia, conduz e direciona o seu Corpo Místico, ou seja, a Igreja. Por isso, dentro do vasto horizonte teológico não se pode isolar uma disciplina da dogmática como se correspondesse a toda a Revelação. A teologia se caracteriza pela harmonia entre as diversas disciplinas. Mostra-se, assim, que a eclesiologia precisa da pneumatologia, assim como a escatologia precisa da eclesiologia, da pneumatologia, da soteriologia, da cristologia e de todas as outras áreas de conhecimento teológico. Portanto, a escatologia aqui precisa do auxílio da pneumatologia e da eclesiologia para mostrar que a Igreja é dependente da ação do Espírito Santo desde a sua origem. Yves Congar chega a declarar que “o Espírito não vem apenas animar uma instituição totalmente determinada em suas estruturas, mas que é propriamente o seu ‘co-instituinte’.”¹⁰³

¹⁰² Cf. COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2005, n. 3.

¹⁰³ CONGAR, Yves. **Ele é o Senhor e dá a vida**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 22.

Relatos históricos como os das cartas de São Paulo mostram que, desde o princípio, a Igreja foi dotada de carismas, dons e ministérios (Ef 4, 11-16; 1Cor 12, 1-11; 14, 1-25) e que isso nunca foi empecilho para uma verdadeira harmonia entre uma concepção de Igreja como instituição hierárquica e outra como uma Igreja Carismática. Pelo contrário, “a disjunção que às vezes se faz entre funções institucionais e surgimento de tipo ‘carismático’ corresponde a fatos históricos.”¹⁰⁴ O magistério recente da Igreja aponta, com a célebre afirmação de São João Paulo II, que a dimensão institucional e a dimensão carismática são “co-essenciais à constituição divina da Igreja fundada por Jesus”¹⁰⁵ e revela a importância de retomar esse tema, já abordado no Concílio Vaticano II e cercado de diversas controvérsias.

O Cardeal Suenens¹⁰⁶ recordou que nas discussões conciliares a respeito dos carismas o Cardeal Ruffini fez uma intervenção “relegando para o passado os carismas e advertindo contra qualquer distinção a esse problema num texto conciliar, por medo, pensava ele, de que fosse posta em perigo a Igreja institucional.”¹⁰⁷ Mas, após uma intervenção do Cardeal Suenens, o concílio adotou “uma posição de acolhimento e de abertura”¹⁰⁸ em relação aos carismas. É neste contexto que surgem as duas citações fundamentais do concílio em relação aos carismas¹⁰⁹, que afirma a presença atual dos carismas na missão da Igreja e abre novamente o horizonte teológico a essa reflexão.¹¹⁰

Alcançando um lugar significativo na reflexão teológica sobre os dons hierárquicos e carismáticos, a Igreja, por meio da Congregação para a Doutrina da Fé, publica a carta *Iuvenescit Ecclesia*, abordando a relação entre esses dons e reconhecendo que “o aparecimento dos diferentes carismas nunca deixou de se fazer sentir ao longo da secular história da Igreja e, no entanto, somente nos tempos mais recentes é que se desenvolveu uma

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 23.

¹⁰⁵ JOÃO PAULO II, Papa. **Mensagem aos participantes no Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais**. 27 de maio de 1998, n.5. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_19980527_movimenti.html. Acesso em: 30 set. 2025.

¹⁰⁶ O Cardeal Suenens foi um dos grandes influenciadores do Movimento Carismático que surgiria a partir do Concílio Vaticano II. Já nos inícios se tornou a referência eclesial do movimento e em 1974 em Malines, Bélgica, juntou um grupo internacional de teólogos e leigos a fim de dar a Renovação Carismática algumas orientações teológicas e pastorais. Deste encontro surgiram alguns documentos, redigidos aos cuidados do Padre Kilian McDonnell e submetidos a um grupo de seis teólogos, esses documentos são conhecidos hoje como Documentos de Malines e que se tornaram os primeiros documentos teológicos sobre o novo movimento. Até hoje eles são referências para os membros da Renovação Carismática. Cf. MCDONNELL, Kilian. **Rumo a um Novo Pentecostes para uma Nova Evangelização**: Documento de Malines I. Canas: RCCBRASIL, 2020.

¹⁰⁷ SUENENS, Léon-Joseph. **Movimento Carismático**. Lisboa: São Paulo, 1996, p. 39.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 39.

¹⁰⁹ Cf. LG, n. 12; AA, n. 3.

¹¹⁰ Cf. ADORNO, Leandro Rasesa. **Renovação no Espírito Santo e serviço ao homem**: Uma atualização do III Documento de Malinas. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/25976>. Acesso em: 30 set. 2025, p. 82-93.

reflexão sistemática sobre eles”.¹¹¹ Dentro deste horizonte eclesial e teológico a Igreja começa a voltar novamente a sua atenção para a sua identidade carismática. Paralelo a isso, começa a surgir, no século XX, uma grande manifestação de carismas por meio da Renovação Carismática Católica e dos Novos Movimentos Eclesiais.

Em 1967, um grupo de jovens da Universidade de Duquesne, em Pittsburg, nos Estados Unidos, se reúne para um retiro espiritual nos dias 17 a 19 de fevereiro.¹¹² Um ano antes eles haviam se encontrado com Steve Clark e Ralph Martin, dois jovens católicos que fizeram uma experiência com o Espírito Santo participando de um encontro do Movimento de Cursilho. Esses jovens deram aos estudantes da Universidade de Duquesne dois livros: “A Cruz e o Punhal”, de David Wilkerson; e “Eles falam outras línguas”, de John Sherril.¹¹³ Inflamados pelo desejo de conhecer o Espírito Santo, os jovens de Duquesne se preparam para o retiro de fim de semana lendo os quatro primeiros capítulos do livro dos Atos dos Apóstolos e o livro “A Cruz e o Punhal”. O retiro se iniciou com a oração do *Veni Creator Spiritus* cantada por aqueles jovens e algo de sobrenatural aconteceu nesses dias. Segundo o testemunho de Patti Mansfield, uma das participantes daquele fim de semana, “um por um, aproximadamente metade, mas não todos os jovens foram atraídos para a capela e experimentaram o Batismo no Espírito de uma forma manifesta.”¹¹⁴ Aquele dia ficou conhecido como o final de semana de Duquesne, o dia do “nascimento da renovação carismática na Igreja Católica Romana”.¹¹⁵ A partir daquele dia as experiências carismáticas de Duquesne começaram a se espalhar pelos Estados Unidos e pelo mundo.

A Renovação Carismática Católica tem no seu coração como “graça central”¹¹⁶ a experiência do Batismo no Espírito Santo, mesmo entendendo que este “operar de Deus, que está presente desde o início da Igreja, não pode ser limitado a uma corrente ou movimento.”¹¹⁷ Considerados tais pressupostos, a Renovação Carismática Católica apresenta o Batismo no Espírito Santo como:

Uma experiência transformadora de vida com o amor de Deus derramado no coração da pessoa pelo Espírito Santo, recebido através de sua submissão ao senhorio de

¹¹¹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta Iuvenescit Ecclesia**. São Paulo: Paulinas, 2016, n. 9.

¹¹² Cf. MANSFIELD, Patti Gallagher. **Como em um novo Pentecostes** - o surpreendente início da Renovação Carismática Católica. Canas: RCCBRASIL, 2016, p. 45.

¹¹³ Cf. RANAGHAN, Kevin; RANAGHAN, Dorothy. **Católicos Pentecostais**. Pindamonhangaba, SP: O. S. Boyer, 1972, p. 18-21.

¹¹⁴ MANSFIELD, *op. cit.*, p. 88.

¹¹⁵ SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo**: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Vida, 2009, p. 288.

¹¹⁶ COMISSÃO DOCTRINAL - RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA INTERNACIONAL. **Batismo no Espírito Santo**. Canas: RCCBRASIL, 2013, p. 15.

¹¹⁷ *Ibid.*

Jesus Cristo. Ele atualiza o batismo e o crisma sacramentais, aprofunda a comunhão com Deus e com os outros cristãos, reaviva o fervor evangelístico e equipa a pessoa com carismas para o serviço e a missão.¹¹⁸

O Cardeal Raniero Cantalamessa ao explicar o que é Batismo no Espírito Santo, chamado por ele de Efusão do Espírito, afirma que “é uma resposta de Deus à disfunção em que passou a encontrar-se a vida cristã”¹¹⁹ e que ela possui uma “eficácia na reativação do Batismo”¹²⁰ e da Confirmação enquanto sacramentos. A tese apresentada por ele foi em outros lugares defendida. O padre Kilian McDonnell e o padre George T. Montague elaboraram um estudo apresentando a ligação que havia na Igreja primitiva entre a Iniciação Cristã e o Batismo no Espírito e chegaram a afirmar que “Paulo considera uma anomalia a não manifestação de algum dom do Espírito numa pessoa batizada.”¹²¹ Para eles o processo de “tornar-se cristão” pela Iniciação Cristã, tal como hoje conhecemos como Iniciação Cristã de Adultos, era o caminho natural e normal para o recebimento dos carismas e para a experiência de Batismo no Espírito Santo, a ponto de chegarem a afirmar que na Igreja primitiva “a vida cristã normal é carismática”.¹²² Essa mesma tese é posteriormente defendida no documento “Tornar-se Cristão”¹²³ da Comissão Episcopal Pastoral para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso. Portanto, a experiência de Batismo no Espírito que caracteriza a Renovação Carismática é compreendida dentro da teologia sacramental e difundida por toda a Igreja.

A medida que os anos foram se passando a Renovação Carismática Católica alastrou-se no mundo por meio dos grupos de oração, fazendo lembrar a experiência primeira de Pentecostes (At, 2). O padre René Laurentin apresentou cerca de 2 a 4 milhões de fiéis aderindo à Renovação Carismática até maio de 1975.¹²⁴ Já nos primeiros anos ela cresceu nos Estados Unidos e chegou a Roma, França, América Latina etc.

No Brasil a Renovação Carismática chegou em 1969, apenas dois anos depois do retiro de Duquesne. Pode-se dizer que começou com a vinda do Padre Eduardo Dougherty ao Brasil, ainda como seminarista, em maio de 1969. Amigo do Padre Haroldo Rahn, contou-lhe a experiência que fez em um retiro da Renovação Carismática nos Estados Unidos e deu ao sacerdote de presente o livro “*Aglow with the Spirit*” (Em chamas com o Espírito) de Robert

¹¹⁸ *Ibid.*

¹¹⁹ CANTALAMESSA, Raniero. **A sóbria embriaguez do Espírito**. São Paulo: ComDeus, 2019, p. 67.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 68.

¹²¹ MCDONNELL, Kilian; MONTAGUE, George. **Iniciação cristã e batismo no Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Edições Louva-a-Deus, 1995, p. 78.

¹²² *Ibid.*, p. 78.

¹²³ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. **Tornar-se Cristão** - Inspirações da Escritura e dos textos da Patrística com algumas reflexões contemporâneas. Brasília: Edições CNBB, 2010.

¹²⁴ Cf. LAURENTIN, René. **Pentecostalismo entre os Católicos**. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 18-19.

Frost.¹²⁵ A partir deste momento o Padre Haroldo começa a viajar pelo Brasil para pregar um retiro que chamou de “Experiências de Oração”. O primeiro grupo de oração na Terra de Santa Cruz aconteceu em Campinas, São Paulo, e logo depois surgiu um grupo em Telêmaco Borba, no Paraná, em 1970-71, por meio do Padre Daniel Kiakarki.¹²⁶ A partir de então a Renovação Carismática se espalhou no Brasil.

Já no início da Renovação Carismática Católica começaM a surgir divergências sobre a realidade dos carismas, do Batismo no Espírito e até mesmo do nome que se deveria chamar o movimento que surgia. Tudo muito natural para algo que chegou e cresceu como uma grande surpresa entre os católicos. Diversos autores que escreveram sobre a Renovação Carismática nos inícios gastaram muitas páginas para refletir sobre tais temas. Um desses temas foi retomado no pontificado do Papa Francisco quando discursando para a Renovação Carismática por ocasião do seu jubileu de 50 anos em Roma, no qual enfatizou que a Renovação não é um movimento, mas uma “corrente de graça”¹²⁷ para toda a Igreja. O papa, recordava o Cardeal Suenens, quando usou essa expressão, porque foi ele que denominou a Renovação como uma corrente de graça.

Para compreender o significado da renovação carismática e o seu verdadeiro alcance, é preciso tomar cuidado em não aplicar nela categorias fabricadas e, em particular, não ver nisso um movimento que deva ser justaposto a outros movimentos ou, pior ainda, em concorrência com eles. Na realidade não se trata disso, mas de uma moção do Espírito para uso de todo o cristão, quer ele seja clérigo ou leigo, de uma corrente de graça que passa e que leva a uma mais alta tensão consciente a dimensão carismática inerente à Igreja. Porque todos os cristãos são carismáticos por definição; o que os distingue é a consciência mais ou menos viva que têm desta realidade fundamental necessariamente comum.¹²⁸

A Renovação Carismática Católica cresceu como uma “corrente de graça” e ao longo desses quase 60 anos desde a experiência do final de semana do Retiro de Duquesne tem crescido em números e em frutos. Um desses frutos são as novas formas de vida comunitária, chamadas de Novas Comunidades.

2.2 - O carisma nas Novas Comunidades

O termo “carisma” tem sua origem nas cartas de São Paulo, mais especificamente na primeira cartas aos Coríntios (1 Cor 12,8-10; 28-30) e na carta aos Romanos (Rm 12, 6-8).

¹²⁵ Cf. CHAGAS, Dom Cipriano. **Pentecostes é hoje**: um estudo sobre a renovação carismática católica. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 46.

¹²⁶ Cf. MAFFI, Bruno. **“Pois a promessa é para vós”** - 1969-2019 Os 50 anos da Renovação Carismática Católica no Brasil. Canas: RCCBRASIL, 2019. p. 23-25.

¹²⁷ BRAGA, Pe. Eduardo. **O Papa Francisco e a Renovação Carismática Católica**. Rio Bonito: Cenáculo Universal, 2017. p. 192.

¹²⁸ SUENENS, *op. cit.*, p. 116.

Esse termo foi elaborado por Paulo e colocado no vocabulário teológico para designar as manifestações do Espírito. Portanto, se o termo for considerado no seu significado, e não somente na palavra, aparece outras vezes na literatura neotestamentária, como também na patrística.¹²⁹ No período da teologia escolástica¹³⁰ o significado da palavra carisma é denominado por Santo Tomás de Aquino como “*Graças gratis datae*”¹³¹, ou seja, graça gratuita. Portanto, o termo “carisma” foi ao longo dos séculos sendo substituído por outros termos que possuíam o mesmo significado.

Em 1943, com a publicação da encíclica *Mystici Corporis Christi*, o Papa Pio XII retoma o uso do termo “carisma” ao apresentar novamente a questão da disjunção entre hierarquia e carisma. O papa afirma que “o que eleva a sociedade cristã (Igreja) a um grau absolutamente superior a toda a ordem natural, é o Espírito do Redentor, que, como fonte de todas as graças, dons e carismas, enche perpétua e intimamente a Igreja e nela opera.”¹³²

Após isso o Concílio Vaticano II apresenta com toda a força o termo na *Lumen Gentium*¹³³ e no desenvolvimento pós conciliar o termo ganha espaço novamente na teologia. Ao longo do desenvolvimento histórico da teologia pode-se perceber uma mudança na compreensão do termo, a ponto de chegar o magistério do papa São Paulo VI e usar o termo “carisma” para denominar também um carisma de instituto religioso, uma carisma de fundação.¹³⁴

A Carta da Congregação para a Doutrina da Fé, *Iuvenescit Ecclesia*, apresenta uma distinção entre “carisma particular” e “carisma originário ou fundacional”,¹³⁵ apontando que os institutos religiosos e congregações também são dotados de um carisma próprio e neste contexto ela coloca também os Novos Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades, oriundos da Renovação Carismática Católica, como portadores de um carisma originário, fundacional.

As Novas Comunidades surgem como um fruto da experiência carismática vivida na Igreja Católica e de um desejo de viver de forma comunitária. Uma das primeiras palavras da Igreja em relação a esses novos movimentos surge através do papa São João Paulo II, quando

¹²⁹ Cf. ROCCA, Giancarlo. **O Carisma do Fundador**. São Paulo: Paulus, 2010, pp. 7-20.

¹³⁰ Cf. JUANES, Benigno. **Introdução aos Carismas**. São Paulo: Loyola, 2001, p. 15.

¹³¹ Cf. Suma Teológica I-II, q. 111, a. 4.

¹³² PIO XII, Papa. **Mystici Corporis Christi**, n. 47. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html. Acesso em: 22 set. 2025.

¹³³ Cf. LG, n. 12.

¹³⁴ PAULO VI, Papa. **Evangelica Testificatio**, 29 jun. 1971, n. 11. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19710629_evangelica-testificatio.html. Acesso em: 22 set. 2025.

¹³⁵ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ., *op. cit.*, n. 17.

na exortação apostólica *Vita Consecrata*, abordando os desafios da vida consagrada no mundo atual, destaca o surgimento dessas “novas fundações” e reconhece nelas características originais.

A originalidade destas novas comunidades consiste frequentemente no fato de se tratar de grupos compostos de homens e mulheres, de clérigos e leigos, de casados e solteiros, que seguem um estilo particular de vida, inspirado às vezes numa ou noutra forma tradicional ou adaptado às exigências da sociedade atual. Também o seu compromisso de vida evangélica se exprime em formas diversas, manifestando-se, como tendência geral, uma intensa aspiração à vida comunitária, à pobreza e à oração. No governo, participam clérigos e leigos, segundo as respectivas competências, e o fim apostólico vai ao encontro das solicitações da nova evangelização.¹³⁶

Em relação a essa nova forma de vida apostólica, o papa recorda que é necessário um caminho sério de discernimento do carisma fundacional e esclarece que por mais que seja uma ação do Espírito Santo o surgimento dessas novas fundações não são parte da vida consagrada.

Em virtude do referido princípio de discernimento, não podem ser incluídas na categoria específica da vida consagrada, aquelas formas de compromisso, se bem que louváveis, que alguns esposos cristãos assumem em associações ou movimentos eclesiais, quando, com a intenção de levarem à perfeição da caridade o seu amor, “como que consagrado” já no sacramento do matrimônio, confirmam com um voto o dever de castidade próprio da vida conjugal e, sem transcurar os seus deveres para com os filhos, professam a pobreza e a obediência. A necessária especificação acerca da natureza desta experiência não quer subestimar este particular caminho de santificação, ao qual não é certamente alheia a ação do Espírito Santo, infinitamente rico nos seus dons e inspirações.¹³⁷

Por meio deste documento o papa então constitui uma comissão que se encarregará de aprofundar o tema perante os desafios apresentados por essa novidade do Espírito Santo. Este caminho foi trilhado com maturidade e atualmente essas Novas Comunidades respondem ao Dicastério para os leigos, a família e a vida.

A Comunidade Canção Nova, que aparece no objetivo deste presente trabalho, se encontra dentro deste contexto do surgimento de Novas Comunidades. No Brasil ela é a primeira a surgir. Após ela surgiram diversas outras comunidades oriundas dessa experiência carismática abordada anteriormente.

2.3 - Breve histórico da Comunidade Canção Nova

¹³⁶ JOÃO PAULO II, Papa. *Vita Consecrata*. São Paulo: Paulinas, 1996, n. 62.

¹³⁷ *Ibid.*, n. 62.

2.3.1 - Padre Jonas Abib

A raiz mais remota do surgimento da Comunidade Canção Nova se encontra na vida de Padre Jonas Abib, fundador da comunidade. Nascido em 21 de dezembro de 1936, em Elias Fausto, interior de São Paulo, Padre Jonas não teve um nascimento fácil. A sua mãe, Josefa, teve um parto complicado, sendo necessário o uso de fórceps, mas não perdeu a fé e ouvindo falar de um santo canonizado recentemente, São João Bosco, resolveu consagrar o menino aos cuidados dele.¹³⁸ Com apenas 12 anos, no dia 3 de setembro de 1949, Jonas ingressou no seminário salesiano de Lavrinhas, interior de São Paulo, com apenas 13 anos, e trilhou ali o seu caminho em direção ao sacerdócio, descobrindo que a mãe o havia consagrado a São João Bosco só depois de ter ingressado na Congregação dos Salesianos de Dom Bosco, a ordem fundada pelo santo.¹³⁹

No dia 08 de dezembro de 1964, Jonas Abib é ordenado sacerdote. Escolheu para si o lema: “Feito tudo para todos” (1 Cor 9, 22). O início da sua vida sacerdotal é marcado por um grande desejo de trabalhar com os jovens. Começou na Igreja do Liceu Coração de Jesus em São Paulo uma missa com os jovens todos os domingos e atraiu muitas pessoas.¹⁴⁰ Ainda neste tempo o Padre Jonas participa de um encontro do cursilho de cristandade, promovido pelo movimento que tem este mesmo nome, e ao voltar se propõe a montar um encontro de jovens que se realiza várias vezes dentro dos sucessivos três anos do ministério do padre.¹⁴¹ Esses encontros ganharam o nome de “construindo” porque tudo direcionava a “construir o homem para construir o mundo”.¹⁴² Após um momento difícil em que o padre ficou tuberculoso foi transferido para Lorena, cidade do interior de São Paulo e ali continuou desenvolvendo seu trabalho com os jovens, promovendo encontros que se chamavam “experiências de oração” e “encontros de jovens”, todos voltados para a juventude.¹⁴³ Surgiu nessa época a “Associação Canção Nova”¹⁴⁴ para administrar o trabalho desenvolvido por meio desses encontros.

Em 1976, Dom Antônio Afonso de Miranda, na época bispo da Diocese de Lorena, chama o Padre Jonas para conversar e lhe apresenta o número 44 da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do papa São Paulo VI, na época recentemente promulgada, em que fala

¹³⁸ Cf. CHALITA, Gabriel. **Eu acredito em milagres**: a história de Mons. Jonas Abib. São Paulo: Canção Nova, 2010, p. 20.

¹³⁹ Cf. KÜNSH, Dimas. **O padre**: história de vida de padre Jonas Abib. São Paulo: Canção Nova, 2023, p. 209.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 281.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 286-287.

¹⁴² CHALITA, *op. cit.*, p. 177.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 207.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 213.

do catecumenato e ordena o padre a colocar aquele número em prática com os jovens.¹⁴⁵ Diz assim o documento:

Uma via que não há de ser descurada na evangelização é a do ensino catequético. A inteligência nomeadamente a inteligência das crianças e a dos adolescentes, tem necessidade de aprender, mediante um sistemático ensino religioso, os dados fundamentais, o conteúdo vivo da verdade que Deus nos quis transmitir, e que a Igreja procurou exprimir de maneira cada vez mais rica, no decurso da sua história. Depois, que um semelhante ensino deva ser ministrado para educar hábitos de vida religiosa e não para permanecer apenas intelectual, ninguém o negará. E fora de dúvida que o esforço de evangelização poderá tirar um grande proveito deste meio do ensino catequético, feito na igreja, ou nas escolas onde isso é possível, e sempre nos lares cristãos; isso, porém, se os catequistas dispuserem de textos apropriados e atualizados com prudência e com competência, sob a autoridade dos Bispos. Os métodos, obviamente, hão de ser adaptados à idade, à cultura e à capacidade das pessoas, procurando sempre fazer com que elas retenham na memória, na inteligência e no coração, aquelas verdades essenciais que deverão depois impregnar toda a sua vida. Importa sobretudo preparar bons catequistas, catequistas paroquiais, mestres e pais, que se demonstrem cuidadosos em se aperfeiçoar constantemente nesta arte superior, indispensável e exigente do ensino religioso. Além disso, sem minimamente negligenciar, seja em que aspecto for, a formação religiosa das crianças, verifica-se que as condições do mundo atual tornam cada vez mais urgente o ensino catequético, sob a forma de um catecumenato, para numerosos jovens e adultos que, tocados pela graça, descobrem pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentam a necessidade de a ele se entregar.¹⁴⁶

Deste encontro com Dom Antônio surgem os encontros de “catecumenato”¹⁴⁷ e “maranathás” promovido pelo padre e surge a oportunidade de construir uma casa de retiros em Queluz, cidade do interior de São Paulo, onde a partir de então acontecem os encontros com os jovens. A casa passou-se a chamar “Canção Nova, a Casa de Maria”¹⁴⁸.

O encontro com Dom Antônio e a sua ordem de fazer alguma coisa com os jovens se torna na história do Padre Jonas e posteriormente na história da Comunidade Canção Nova um momento marcante em que se afirma a origem eclesial de toda a obra realizada pelo padre e pela comunidade.¹⁴⁹

Dois momentos são marcantes na história de vida do Padre Jonas que depois se tornaram fundamentais para a Comunidade Canção Nova. O primeiro deles é a experiência por ele chamada de “Encontro Pessoal com Jesus”¹⁵⁰, que aconteceu no final dos seus estudos teológicos. Após participar de um encontro promovido pelos Focolares¹⁵¹, em Lorena, o padre

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 219-222.

¹⁴⁶ PAULO VI, Papa. *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 44.

¹⁴⁷ O nome dado ao encontro é extraído do próprio número 44 da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*.

¹⁴⁸ ABIB. Mons. Jonas. **Canção Nova uma obra de Deus**: nossa história, identidade e missão. São Paulo: Canção Nova, 2010a, p. 23.

¹⁴⁹ FERREIRA, Wagner. **Comunidade Canção Nova**: uma escola de formação. São Paulo: Canção Nova, 2012. p. 73.

¹⁵⁰ Cf. SUENENS, *op. cit.*, p. 72-78.

¹⁵¹ O Movimento dos Focolares, cujo nome oficial é Obra de Maria, é um movimento fundado por Chiara Lubich em 1943 na Itália com a finalidade de promover valores como a unidade e a fraternidade, sempre fundado no Evangelho. O movimento é reconhecido pela Igreja e cresceu a ponto de se espalhar por centenas de países.

voltou para casa e ao abrir o livro dos evangelhos se depara com a passagem: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16, 15). Conta o padre que naquele momento viveu uma experiência pessoal. Diz ele:

Estava já no último ano de Teologia, fui sempre um bom seminarista. Claro que eu conhecia Jesus. Mas uma experiência pessoal, que eu nunca tivera antes, aconteceu naquele momento. Só sei que me vi de joelhos no chão, entregando minha vida para Deus. Depois daquele encontro, tudo em minha vida tomou um rumo novo. Criou-se um ânimo renovado dentro de mim. Estava disposto a partir para a luta e atingir a meta.¹⁵²

Anos após este acontecimento o Padre Jonas entendeu que na experiência daquele encontro com Jesus já estava a base da missão da Canção Nova. Escreveu ele: “Esse encontro pessoal com Jesus tornou-se, então, a chave da minha vida e de toda a Canção Nova. A base de nossa missão era favorecer e ajudar as pessoas a chegarem a esse encontro com Jesus.”¹⁵³

O segundo momento aconteceu no dia 2 de novembro de 1971, quando por ocasião de um dia de retiro pregado pelo Padre Haroldo Rahm o Padre Jonas viveu a experiência que chamou de “Batismo no Espírito Santo”.¹⁵⁴ Conta que o Padre Haroldo pregou sobre os acontecimentos da Renovação Carismática Católica que estavam acontecendo nos Estados Unidos e se colocou à disposição para impor as mãos e rezar por quem quisesse. O Padre Jonas recebeu a oração do Padre Haroldo, mas contou que no momento nada mudou. A mudança veio depois. Conta o padre:

Passei aquela noite - era uma noite muito bonita - nos pátios do Colégio São Joaquim, rezando como nunca tinha rezado na minha vida. Não era oração em línguas. Nem sabia ainda como era isso. Embora padre Haroldo tivesse falado em pessoas que oravam em línguas, eu não conseguia entender como isso era possível. Mas a oração brotava no meu íntimo. E o mais importante: sumiu aquela revolta, aquele ressentimento, aquele vazio que havia dentro de mim. Eu não era capaz de explicar, mas havia sumido. Permaneci ali sozinho, andando pelos pátios. Depois, fui à capela que havia ali próximo, sempre rezando espontaneamente, o que não era costume. Conclusão: varei a noite rezando. Já quase de madrugada, quando fui para o quarto deitar, parecia um passarinho voando, tal a mudança que havia ocorrido dentro de mim. Ao acordar no dia seguinte, embora tivesse dormido muito pouco, minha impressão era a de que tudo tinha sido lavado, o céu, as árvores, o colégio. Tudo estava diferente para mim. Colorido, bonito.¹⁵⁵

A experiência de Batismo no Espírito que viveu o Padre Jonas marcou a sua vida a ponto de levá-lo a afirmar:

Sou resultado do batismo no Espírito Santo; ele não foi infrutífero em mim. Aliás, sou obrigado a testemunhar: ele foi muito eficaz. Digo isso sem exaltação, pelo contrário, quero afirmar, com humildade, que tudo aquilo que sou e faço é resultado da graça do batismo no Espírito recebido naquele dia.¹⁵⁶

¹⁵² CHALITA, *op. cit.*, p. 124.

¹⁵³ ABIB, *op. cit.*, 2010a, p. 12.

¹⁵⁴ Conforme a referência apresentada na nota 115.

¹⁵⁵ CHALITA, *op. cit.*, p. 201-202.

¹⁵⁶ ABIB, Mons. Jonas. **Reinflama o Carisma**. São Paulo: Canção Nova, 2010b, p. 11.

Esses dois momentos se tornaram marcantes na vida do Padre Jonas e a partir deles ele se tornou um propagador desta experiência pessoal com Jesus e da experiência do batismo no Espírito Santo. Queria que todas as pessoas fizessem a mesma experiência que ele havia feito. Isso o impulsionava a responder ao mandato da Igreja por meio do bispo diocesano para evangelizar e o fez entender que a sua missão e a da Comunidade Canção Nova que iria surgir era “preparar um ambiente para que as pessoas tivessem seu primeiro encontro pessoal com Cristo.”¹⁵⁷

2.3.2 - Comunidade Canção Nova

Em 1977, no final de semana da festa litúrgica de Cristo Rei, acontecia em Queluz um encontro de Catecumenato, o último do ano. O Padre Jonas conta que esse encontro ocorria “com o propósito de ensinar aos jovens um método que não tinha ensinado nunca. Um método de ler a Bíblia, encontrado por mim num livro evangélico. Depois se chamou *A Bíblia foi escrita para você*, mas, na ocasião, ainda não tinha nome.”¹⁵⁸ Mas o que parecia somente mais um dos inúmeros encontros realizados pelo padre, se tornou o início da Comunidade Canção Nova. Ao se dirigir para Queluz, o padre conta que começou a sentir um incômodo de Deus enquanto ainda estava no trem. Conta ele:

Naquele percurso é que Deus foi me convencendo de algo em que eu não tinha pensado antes: convidar os jovens para abrir mão de tudo, deixar casa, família, trabalhos, estudos, até namoro, e dar um ano para Deus, na Canção Nova, vivendo em comunidade. Achei aquilo uma coisa tão sem propósito, tão impossível de ser realizada, que fui discutindo com Deus durante a viagem: “Mas, Senhor, ninguém vai aceitar”. Pouco antes de descer, fechei a conversa: “Está bem. Vou fazer o apelo, mas ninguém vai aceitar. Agora, se aceitarem, é sinal que o Senhor quer. Porque é uma coisa tão impossível que ninguém vai concordar”. Foi assim que acabamos a conversa.¹⁵⁹

O padre, no início do encontro fez uma palestra sobre o senhorio de Jesus e essa palestra de alguma forma preparou o ambiente para a proposta que teria que fazer. Após a palestra o padre se dirige aos jovens e pergunta:

Quem está disposto a dar um ano da sua vida para Jesus? Deixar sua casa, sua família, estudos, trabalhos, e vir para a Canção Nova viver um ano inteiro de formação, para servir melhor a Deus. Só que preciso ter permissão dos pais. Pode ser que eles não entendam, mas vão ter de autorizar. Quem estiver disposto, fique em pé.¹⁶⁰

¹⁵⁷ ABIB, *op. cit.*, 2010a, p. 20.

¹⁵⁸ CHALITA, *op. cit.*, p. 244.

¹⁵⁹ Ibid.

¹⁶⁰ Ibid., p. 245.

No primeiro momento o número de pessoas era grande e o padre pediu para sentarem e perguntou novamente explicando com detalhes. No segundo momento se levantaram alguns que depois dos devidos procedimentos começaram a comunidade. Eram doze jovens e o Padre Jonas. Dentre elas, havia três irmãs salesianas que foram autorizadas pela madre superiora.¹⁶¹ Este grupo começou a viver em comunidade no dia 2 de fevereiro de 1978, festa litúrgica da Apresentação de Jesus no templo.¹⁶²

Hoje a Comunidade Canção Nova cresceu, possui mais de 1500 membros, sendo divididos em “núcleo” (que deixam tudo e vivem de forma integral para realizar a missão da Canção Nova) e “Segundo Elo” (pessoas que assumem o compromisso com a comunidade mas vivem dentro das realidades do mundo em que estão inseridas). Ela é formada por padres, casados, celibatários e solteiros que se entregam, de acordo com o seu estado de vida, na missão de evangelizar. Atualmente têm casas de missão espalhadas em diversos lugares do Brasil e do mundo e possuem uma identidade e missão bem estabelecidas. Conta com todo um Sistema de Comunicação que lhe permite evangelizar pelos meios de comunicação através da TV, Rádio e internet. Em 2008 recebeu da Igreja Católica o reconhecimento pontifício dos seus estatutos e se tornou reconhecida como uma Associação Internacional Privada de Fiéis com direito pontifício segundo a lei canônica.¹⁶³

O Padre Jonas foi ao longo dos anos entendendo o que havia acontecido naquele dia em que realizou o chamado aos primeiros jovens para viver em comunidade, mas já tinha a clareza que a Canção Nova existe para evangelizar e essa sempre foi a intenção por trás de tudo que a comunidade realiza. Isso ao longo do tempo acarretou problemas, dificuldades, pressões e perseguições, mas tudo isso nunca foi motivo para desistir. Pelo contrário, sempre foi uma forma de entender que o carisma que estava surgindo estava passando pela prova necessária para o seu crescimento, conforme ensina o documento *Iuvenescit Ecclesia*.

Uma vez que o dom carismático pode possuir “uma dose de novidade de vida espiritual para toda a Igreja, que, em um primeiro momento, pode aparentar ser incômoda”, um critério de autenticidade manifesta-se na “humildade em suportar os contratempos: a relação justa entre carisma genuíno, perspectiva de novidade e sofrimento interior comporta uma constante história de ligação entre carisma e cruz”. O aparecimento de tensões eventuais exige, por parte de todos, a prática de uma caridade maior, tendo em vista uma comunhão e unidade eclesiais cada vez mais profundas.¹⁶⁴

O Padre Jonas entendeu isso:

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 247.

¹⁶² *Ibid.*, p. 249.

¹⁶³ Cf. CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2001, cân. 298-311 e 321-329.

¹⁶⁴ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ., *op. cit.*, n. 18.

As pressões, os problemas e as decepções são muitas, mas sabemos que ninguém se aproximará de nós para nos fazer mal, porque a obra não é nossa, e sim de Deus. Se a Canção Nova fosse de homens, já não existiria há muito tempo, nem chegaríamos a ter a emissora de rádio e TV e todos os outros meios que Deus nos concedeu para evangelizar. Se o nosso projeto fosse humano, já teria se desfeito. Nada pode destruir os planos de Deus. Jesus foi até o final em sua missão, enfrentando dor, sofrimento e cruz, mas ressuscitou, foi vitorioso sobre os planos daqueles que queriam derrotá-lo. Assim como Ele, nós também seremos vitoriosos.¹⁶⁵

O processo de crescimento sempre acarreta provações, mas elas bem compreendidas, como compreendeu o Padre Jonas, conduzem a um amadurecimento e a uma constância. Foi assim que a história da Canção Nova foi se desenvolvendo.

2.4 - Fontes do Carisma Canção Nova

Padre Jonas Abib, falecido em 12 de dezembro de 2022, foi o fundador da Comunidade Canção Nova, e até a sua morte foi o Presidente da Associação Internacional Privada de Fiéis. Nesta qualidade cabia a ele explicitar o carisma de fundação que recebeu de Deus. Entendia isso como parte da sua missão de fundador e reconhecia que carregava dentro de si um dom precioso que precisava ser revelado. Ele escreveu: “O Pai colocou em meu interior um filão de ouro: o Dom Canção Nova. Cabe a mim cavoucá-lo, descobri-lo, fazê-lo emergir, colocá-lo à luz para que os outros o vejam e o descubram em si. Esta é a minha função. Cabe a mim esta missão.”¹⁶⁶ Diversas foram as formas de explicitar o dom recebido.

Ao longo dos anos, o Padre Jonas escreveu alguns documentos para os membros da comunidade com a intenção de falar sobre realidades próprias do carisma que havia recebido e que precisavam ser clareadas para os outros membros. Por isso, escreveu textos direcionados exclusivamente para os membros da comunidade, ajudando-os a viverem um autêntico discernimento vocacional ao se depararem com aquilo que é o carisma Canção Nova. Por meio desses escritos ele definiu os princípios que regem a comunidade, a missão, a espiritualidade, a forma de viver os estados de vida na Canção Nova e outras realidades características deste carisma originário. Esses textos foram selecionados, com a supervisão do próprio fundador, e compilados na publicação de um único volume¹⁶⁷, chamado de *Nossos Documentos*, porque assim foi denominado pelo Padre Jonas aos membros da comunidade.

¹⁶⁵ ABIB. Mons. Jonas. **Vocação um desafio de amor**. São Paulo: Canção Nova, 2011, p.79.

¹⁶⁶ ABIB, Mons. Jonas. **Nossos Documentos**: As fontes do carisma Canção Nova. São Paulo: Canção Nova, 2017, n. 262.

¹⁶⁷ Até o ano de 2018 esses textos eram publicados em dois volumes, selecionados pelo próprio fundador. Em 2018 foi publicado um volume único, com diagramação diferente, numeração e organização dos documentos de forma pedagógica.

Outra fonte onde se encontram características próprias do carisma Canção Nova são os seus estatutos. No ano de 1995 a comunidade é reconhecida por Dom João Hipólito de Moraes, então bispo diocesano de Lorena, como Associação Pública de Fiéis de direito diocesano. Nesta ocasião a comunidade já possuía um estatuto, conhecido hoje como *Estatuto Semente*¹⁶⁸, que não tem mais vigor canônico, mas que continua a ser preservado como um documento para os membros da comunidade porque possui dados históricos e carismáticos de grande valor. Em 2008, com o Reconhecimento Pontifício também foi promulgado, por um período de *ad experimentum*, o *Estatuto Canônico*¹⁶⁹ da Comunidade Canção Nova e em 2014 esse mesmo estatuto recebeu o reconhecimento definitivo por meio do então Pontifício Conselho para os Leigos. Esse estatuto é o que atualmente rege a conduta da comunidade perante a Igreja. Ambos os estatutos possuem um valor carismático e histórico e são detentores da identidade da comunidade.

Em 12 de outubro de 2020, o Padre Jonas Abib, na qualidade de fundador e presidente da Comunidade Canção Nova promulga o seu primeiro diretório, chamado de *Nosso Diretório*¹⁷⁰, construído ao longo de alguns anos e com a aprovação da Assembleia Geral¹⁷¹ da comunidade. Este documento tem a missão de aplicar, de forma normativa, as normas contidas no *Estatuto Canônico*. Também este documento é considerado uma fonte onde se pode encontrar referências carismáticas da comunidade.

Além das fontes já apresentadas há um acervo vasto de pregações do fundador gravadas em áudio e vídeo que também são fontes primárias da identidade do Carisma Canção Nova e da sua forma de vida na comunidade. Essas pregações podem ser divididas em pregações internas, realizadas de forma exclusiva para os membros da comunidade, e pregações externas, realizadas para o público em geral nos encontros que o Padre Jonas pregou ao longo da sua vida. Esse acervo é detentor de um conteúdo muito extenso sobre o carisma, porque o Padre Jonas escreveu aos membros da comunidade afirmando que quando fala ao povo também fala aos membros e também fala sobre o carisma.

Quando falo para o povo, falo para você também; não aja como se não tivesse nada a ver com você. É justamente ao contrário, falo com o povo, porque preciso falar com o povo, mas também se refere a nós e faz parte da nossa história, do nosso dom, da nossa missão. Deus me mostrou que fez a Canção Nova do jeito que ela é, e deu a ela essa missão. Ele confiou em nós, por isso, deu-nos essa missão.¹⁷²

¹⁶⁸ Esse texto se encontra presente no volume único do livro Nossos Documentos.

¹⁶⁹ Cf. COMUNIDADE CANÇÃO NOVA. **Nosso Estatuto**. São Paulo: Canção Nova, 2014.

¹⁷⁰ Cf. COMUNIDADE CANÇÃO NOVA. **Nosso Diretório**. São Paulo: Canção Nova, 2020.

¹⁷¹ Um dos órgãos de autoridade da Comunidade é a Assembleia Geral, composta pelo Presidente, pelos membros do Conselho Geral e por oitenta e oito membros com compromisso definitivo, eleitos pelos membros do núcleo da comunidade que já concluíram a fase formativa do juniorato e pelos membros definitivos do segundo elo. Cf. COMUNIDADE CANÇÃO NOVA. **Nosso Estatuto**. São Paulo: Canção Nova, 2014, art. 73.

¹⁷² ABIB, Mons. Jonas. *op. cit.*, 2017, n. 913.

Essas fontes do Carisma Canção Nova aqui apresentadas são de extrema importância para o desenvolvimento do presente trabalho, porque são as bases que permitem se alcançar o objetivo proposto, mas antes é importante conhecer algumas definições básicas da identidade do Carisma Canção Nova.

2.5 - O Carisma Canção Nova

Ao longo do tempo as fontes do Carisma Canção Nova foram apontando, através do fundador, algumas definições básicas em relação ao carisma, como por exemplo, qual a finalidade deste carisma, qual a missão, como se define o Carisma Canção Nova e qual a sua identidade. No entanto, por mais que os escritos do fundador apontassem para isso, foi só em 2017, por ocasião da Assembleia Geral Extraordinária, em Lavrinhas, SP, que o fundador oficializou a definição do Carisma Canção Nova.¹⁷³ Nesta ocasião estava em processo de aprovação o primeiro capítulo do Diretório da Comunidade, promulgado em 2020.

As definições apresentadas no livro *Nosso Diretório* estão em ligação íntima com aquilo que foi aprovado pela Santa Sé no Estatuto Canônico, em nada as contradizendo-as, no entanto ficou apresentada de forma mais clara. Essas definições são importantes para o desenvolvimento do presente trabalho porque revelam um patrimônio identitário da Comunidade Canção Nova, capaz de nortear a sua condução no hoje e no futuro.

A primeira definição importante a ser apresentada é a definição do Carisma Canção Nova. No Estatuto Canônico ela foi apresentada assim:

O Carisma Canção Nova é uma forma renovada e priorizante de favorecer a experiência pessoal do encontro com Jesus Cristo na eficácia do Espírito Santo. Tem por finalidade a formação de homens novos para um mundo novo, através da evangelização, de modo a preparar e apressar a vinda gloriosa do Senhor. Participa da graça que foi dada à Igreja nos dias de hoje: uma nova efusão do Espírito Santo e enviada a realizar sua missão em comunhão com toda a Igreja.¹⁷⁴

Posteriormente, no diretório, essa definição foi dividida entre a definição do carisma e a missão da comunidade. A definição do Carisma Canção Nova é:

O Carisma Canção Nova é uma forma renovada de levar a experiência pessoal do encontro com Jesus Cristo na eficácia do Espírito Santo. Este Carisma encarnou-se em primeiro lugar no Fundador e depois em seus membros, formando um organismo vivo que é a Canção Nova. Levar a experiência pessoal do encontro com Jesus Cristo é a prioridade de cada membro da Comunidade em tudo o que vive e realiza no seu dia a dia.¹⁷⁵

¹⁷³ Cf. COMUNIDADE CANÇÃO NOVA, 2020, *op. cit.*, n. 22.

¹⁷⁴ Cf. COMUNIDADE CANÇÃO NOVA, 2014, *op. cit.*, p. 19.

¹⁷⁵ Cf. COMUNIDADE CANÇÃO NOVA, 2020, *op. cit.*, n. 8.

A segunda definição importante apresentada pelo diretório é sobre a identidade da Canção Nova. Assim se define:

Assim se define a identidade da Canção Nova: Uma Comunidade Católica de amor e adoração, que comunica a Boa Nova de Jesus Cristo no poder do Espírito Santo. Ela se constitui numa família eclesial bem diversificada, na qual o primeiro chamado de seus membros consiste em ser mulheres e homens de Deus, independentemente do estado de vida. Eles “assumem a vivência mais radical da consagração a Deus feita no Batismo e na Crisma, em função do apostolado, numa vida em comunidade, conforme o estado de cada um. Tal vivência inspira-se na prática dos conselhos evangélicos, adaptada à vida secular”, aprofundada neste Diretório, nos capítulos: IV – que reflete sobre a castidade, V – que trata do tema da obediência e VI – que direciona a vivência da pobreza. Portanto, cada membro da comunidade torna-se um missionário, pois assume consagrar sua vida a Deus na missão de evangelizar.¹⁷⁶

Além disso, o diretório também salienta três características importantes: “A Canção Nova é uma comunidade carismática.”¹⁷⁷, “A Canção Nova é uma comunidade mariana”¹⁷⁸, e “A Canção Nova é chamada a ser a Casa da Misericórdia”¹⁷⁹. Ambas as características também são componentes da identidade da Comunidade Canção Nova.

A terceira e última definição apresentada pelo diretório é sobre a missão da Comunidade Canção Nova. Assim se define:

A missão da Canção Nova é evangelizar, comunicar Jesus Cristo e a vida nova que Ele trouxe, pelos encontros e, de maneira preferencial, mas não exclusiva, pelos meios de comunicação social, para formar homens novos para o Mundo Novo. Por meio desta evangelização, ela prepara e apressa a vinda gloriosa do Senhor. Essa feliz expectativa do Senhor que vem é o que move toda a ação evangelizadora da Comunidade, os encontros que promove, o trabalho que realiza. A própria vida dos membros está em função desta missão. Tudo isso expressa o apostolado da Comunidade.¹⁸⁰

Além das definições até aqui apresentadas ainda se faz importante compreender outra definição básica da Comunidade Canção Nova, não mais presente no primeiro capítulo do diretório, mas encontrada no segundo capítulo, que é todo dedicado a ela. É a definição da espiritualidade da Canção Nova. Assim se define:

A espiritualidade da Canção Nova é uma vida segundo o Espírito que nasce do encontro pessoal com Cristo e do batismo no Espírito Santo. É alimentada cotidianamente pelos meios santificantes que a Igreja oferece e pela comunhão fraterna dos seus membros, que culmina na participação da missão de Cristo, por meio do apostolado próprio da Canção Nova.¹⁸¹

¹⁷⁶ *Ibid.*, n. 9.

¹⁷⁷ *Ibid.*, n. 10.

¹⁷⁸ *Ibid.*, n. 11.

¹⁷⁹ *Ibid.*, n. 12.

¹⁸⁰ *Ibid.*, n. 13.

¹⁸¹ *Ibid.*, n. 36.

O Padre Jonas apresenta a espiritualidade da comunidade Canção Nova como a “Espiritualidade de Jesus”¹⁸² que ora estava em profunda relação com o Pai, e ora estava dedicado ao apostolado. O modelo de oração de Jesus é o modelo para a comunidade, em que seus membros, em meio ao apostolado, são chamados a ser “contemplativos na ação”¹⁸³, sem deixar de reconhecer a necessidade de “estar a sós”¹⁸⁴ com o Senhor, como fez Jesus.

Essas definições são importantes para a compreensão clara da Comunidade Canção Nova e, tanto na definição do carisma apresentada no Estatuto Canônico, quando na definição da missão no diretório, aparece a referência ao artigo de fé da Parusia, apontando assim o lugar que ele ocupa no carisma e na missão empreendida pela Comunidade Canção Nova.

¹⁸² Cf. ABIB, Mons. Jonas, 2017, *op. cit.*, n. 1225-1234.

¹⁸³ *Ibid.*, n. 960.

¹⁸⁴ *Ibid.*, n. 1227.

CAPÍTULO III: A PARUSIA NO CARISMA CANÇÃO NOVA

O reconhecimento eclesial de um carisma é precedido pelo reconhecimento dos fundamentos teológicos que ele porta. Não é possível aprovar os estatutos de um novo movimento eclesial quando este está em contradição ao que se professa na fé católica. Com o Carisma Canção Nova não foi diferente, de forma que a sua aprovação canônica pressupõe o reconhecimento de seus fundamentos teológicos e o artigo de fé da Parusia foi um deles.

3.1 - A Parusia e a definição do Carisma Canção Nova

O Carisma Canção Nova é definido como “uma forma renovada de levar a experiência pessoal do encontro com Jesus Cristo na eficácia do Espírito Santo.”¹⁸⁵ Com isso é possível perceber que essa experiência do Encontro Pessoal com Jesus ocupa um lugar de destaque no carisma. O Padre Jonas Abib ao viver essa experiência reconheceu-a como fundamental para a sua missão de fundador e para a descoberta da vocação a esse carisma.

A Encíclica *Deus caritas est*, do Papa Bento XVI, aponta a experiência do Encontro Pessoal como o início da vida cristã. Afirma ele: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.”¹⁸⁶ Essa experiência se torna a origem de uma vida cristã autêntica, um marco no ser cristão.

O Cardeal Suenens também reconhece o Encontro Pessoal como um acontecimento que muda todo o rumo da vida a ponto de afirmar que essa experiência é causadora de uma mudança radical na forma de se viver. Ao falar do que esse momento causa na vida do cristão afirma: “Já não estamos sós, sentimo-nos guiados pelo Seu Espírito; a vida inteira é vivida com referência a Ele. Quando nos desprendemos de nós mesmos é que Deus se apodera de nós: ao vazio corresponde uma plenitude.”¹⁸⁷ Ou seja, essa experiência muda o rumo da vida, dá novo horizonte e faz o cristão viver agora em referência a Jesus. Ele, Jesus, a Pessoa com quem se encontra o cristão, faz tudo mudar, dando a partir deste momento um novo sentido para se viver nesta vida terrena. Essa experiência gera conversão e como afirma o Cardeal

¹⁸⁵ COMUNIDADE CANÇÃO NOVA, 2020, *op. cit.*, n. 8.

¹⁸⁶ BENTO XVI, Papa. **Deus Caritas Est**. In: ENCÍCLICAS DE BENTO XVI. São Paulo: Paulus, 2021, n.1.

¹⁸⁷ SUENENS, *op. cit.*, p. 78.

Suenens: “Uma nova vida o invade; o grito de São Paulo: ‘Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim’ (Gl 2, 20), mais uma vez toma forma e realidade.”¹⁸⁸

Este Encontro Pessoal, ainda que causador de tamanha mudança na vida cristã, é marcado por uma visão de fé. Por mais que os efeitos sejam constatáveis, ele ainda não é a visão beatífica de Deus¹⁸⁹. Ele, na vida terrena, caminha no horizonte de uma experiência, mas isso não o subjugava ao campo sentimental exclusivamente. O mesmo Cardeal Suenens apresenta uma distinção entre experiencial e experimental, considerando o primeiro termo como “uma forma de experiência que é percepção vital e conhecimento do concreto, que não deve ser confundido com o experimental dos nossos laboratórios.”¹⁹⁰ Ora, a experiência de Encontro Pessoal com Jesus aqui abordada se encontra no horizonte do experiencial, fundado em uma percepção do real e não do imaginário. No entanto, ainda que esse encontro seja portador de um conhecimento real, ele precisa ser acolhido por meio de uma “interpretação de fé”.¹⁹¹ Fora do campo da fé ele marginaliza e se torna qualquer outra coisa, menos uma experiência de Deus.

O Carisma Canção Nova, destarte, é provocador dessa experiência pessoal com Jesus. Ele, naquilo que é enquanto identidade, é capaz de levar as pessoas a esse encontro com Jesus. Ou seja, na própria definição do carisma é possível reconhecer que o Carisma Canção Nova se realiza, naquilo que é a sua identidade, quando as pessoas que por ele são atingidas se encontram com Jesus. Ademais, vale observar que esse encontro não é um marco histórico relegado ao passado, ele é causador de vida nova e aponta para o encontro na parusia.

O Cardeal Joseph Ratzinger ao comentar o artigo de fé da parusia no livro *Introdução ao Cristianismo* apresenta uma leitura histórica deste artigo, destacando a concepção do *maranathá* na Igreja primitiva e o *dies irae* no período medieval.¹⁹² Ao recordar esse contexto histórico o cardeal lembra que a visão católica sobre este artigo de fé conjuga a aurora da esperança e a seriedade do juízo. Além do mais, recorda o cardeal, que a história caminha para um ponto ômega. Ela tem um fim, um propósito e não se resume somente a um elemento material. Há um horizonte metafísico para o qual caminha a história. Recorda o cardeal:

A crença na volta de Jesus Cristo com a consequente consumação do mundo poderia ser explicada, então, como a convicção de que a nossa história está a caminho de um ponto ômega, no qual ficará claro e visível de modo definitivo que aquele elemento estável que nos parece ser o chão sustentante da realidade não é a mera matéria, que nem consciência de si própria tem, e sim o verdadeiro chão firme da razão: é ela que

¹⁸⁸ *Ibid.*

¹⁸⁹ GARRIGOU-LAGRANGE, *op. cit.*, p. 255-262.

¹⁹⁰ SUENENS, *op. cit.*, p. 63.

¹⁹¹ *Ibid.*, p. 64.

¹⁹² Ver capítulo 1, ponto 1.3.

dá coesão ao ser e lhe dá realidade, melhor dizendo, ela é a realidade - não é a partir de baixo, mas do alto que o ser recebe a sua consistência.¹⁹³

A afirmação do cardeal recorda que a história caminha em direção a um ponto de consumação e que tanto na perspectiva de uma escatologia pessoal, como na perspectiva de uma escatologia universal, como está sendo abordada aqui, o fim de tudo se direciona a um ponto ômega que é preciso descobrir qual é. A obra da salvação alcançará sua plenitude na consumação inaugurada com a Vinda Gloriosa de Jesus, ademais, esse ômega não é um lugar ou um evento histórico, mas um encontro.

Se é verdade que o fim de tudo será o triunfo do espírito, isto é, o triunfo da verdade, da liberdade e do amor, então não é uma força qualquer que acabará ficando com a vitória: o fim de tudo se configurará num rosto. O ômega do mundo será um tu, uma pessoa, um indivíduo.¹⁹⁴

Essa compreensão muda todo o horizonte da parusia, porque sobre ela brilha a grandiosidade de um encontro. A parusia não será resumida a uma perspectiva de condenação somente, mas a uma perspectiva de encontro. O juiz que julgará não será um Deus desconhecido, mas um rosto conhecido pela fé. Afirma o cardeal: “Não será um estranho que nos julgará, e sim aquele que conhecemos pela fé. Assim, o juiz não surgirá diante de nós como um ser totalmente desconhecido, será um de nós, que conhece e sofreu a existência humana em seu íntimo.”¹⁹⁵ Ou seja, se no início do ser cristão brilha a aurora de um Encontro Pessoal com Jesus, esse encontro, outrora na fé, se transformará em encontro definitivo no dia da parusia.¹⁹⁶ Sobre o temível juízo final brilha a esperança de um encontro definitivo. Escreve Ratzinger:

Dessa maneira brilha sobre o juízo final a aurora da esperança; não será apenas o dia da ira, será o dia da volta do Senhor. Surge diante de nossa mente a visão imponente de Cristo que se encontra no início do Apocalipse (1,9-19). O vidente desfalece diante desse ser cheio de um poder assombroso. Mas o Senhor coloca a mão sobre ele e lhe dirige as mesmas palavras que usara nos dias em que atravessaram o lago de Genesaré: “Não temas! Sou eu” (1,17). O Senhor de todo o poder é aquele Jesus que o vidente acompanhou outrora na fé. O artigo do juízo do Símbolo transfere exatamente essa ideia para o nosso encontro com o juiz do universo. Naquele dia do temor, o cristão perceberá surpreso que aquele a quem “foi dado todo o poder no céu e sobre a terra” (Mt 28,18) foi, na fé, o companheiro de seus dias na terra, e é como se lhe impusesse as mãos já agora, nas palavras do Símbolo, para dizer: Não tenha

¹⁹³ RATZINGER, *op. cit.*, 2005, p. 236.

¹⁹⁴ *Ibid.*, p. 237.

¹⁹⁵ *Ibid.*, p. 240.

¹⁹⁶ “O fato de Cristo ser o juiz, coloca, por fim, toda a fé nas eschata e todo comportamento cristão numa perspectiva de esperança. O juiz é o mesmo que, como diz o Livro dos Atos num resumo do Evangelho, ‘andou por toda parte, fez o bem e curou os que se encontravam no poder do diabo’ (At 10,38) e que no Evangelho segundo João diz a respeito de si mesmo: ‘Não vim para julgar o mundo, mas para salvá-lo’ (Jo 12,47).” NOCKE, *op. cit.*, 2012, p. 350.

medo, sou eu. Talvez seja esse pensamento, que é o pano de fundo de nosso Credo, a melhor resposta para o problema intrincado do juízo e da graça.¹⁹⁷

O cristão caminha na vida terrena como um peregrino que sabe para onde está caminhando e a virtude que o conduz é a virtude da esperança. Essa virtude é definida por Royo Marin como uma “virtude teologal infundida por Deus na vontade, pela qual confiamos com plena certeza alcançar a vida eterna e os meios necessários para chegar a ela, apoiados no auxílio onipotente de Deus.”¹⁹⁸ A correspondência a essa virtude concede ao cristão um *status viatoris* (estado do viajante) e o faz reconhecer que está sempre a caminho em direção ao encontro definitivo.¹⁹⁹

A perspectiva de que o ômega da peregrinação terrestre é um rosto e uma pessoa, concede a parusia a característica de um encontro. Ora, o Carisma Canção Nova é provocador da experiência do Encontro Pessoal com Jesus que direciona a vida do cristão ao encontro definitivo. O Padre Jonas entendeu isso e se encontra nas suas anotações pessoais²⁰⁰ essa noção. Em uma anotação do seu caderno pessoal em 1983, no dia do seu aniversário, 21 de dezembro, escreveu:

Vou vivê-lo também na certeza de que o Senhor vem e eu vou ter um encontro pessoal com Ele. Ou com a sua vinda gloriosa ou com a minha ida através da morte-ressurreição. Por isso é certo: a cada novo dia estou mais perto do encontro pessoal com o Senhor, portanto preciso estar MAIS PREPARADO.²⁰¹

Em outra anotação pessoal o padre deixa claro a ideia de que os cristãos vivem nesta terra como peregrinos e que caminha em direção ao “Mundo Novo” inaugurado com a Vinda Gloriosa de Jesus. Escreveu ele em 2005:

Permanecemos neste mundo. Ao lado dos nossos irmãos. Nos comprometemos com eles, para que tenham a visão que temos. A graça que recebemos. Estamos neste mundo, mas não somos deste mundo. Somos cidadãos do céu. Peregrinos neste mundo, semeamos nele as primícias do Mundo que há de vir. Cultivamos aqui as sementes do Reino. Até que ele se faça em plenitude. Vivemos aqui o modo de vida

¹⁹⁷ RATZINGER, *op. cit.*, 2005, p. 240.

¹⁹⁸ MARÍN, Antonio Royo. **Teologia da perfeição cristã**. Anápolis: Magnificat, 2020, p. 469.

¹⁹⁹ “*Viator* quer dizer o que está em caminho, e *status viatoris*, o estado do ser que está a caminho. O conceito oposto correspondente é o *status comprehensoris*. Quem captou, conquistou, alcançou, não é mais *viator*, mas *comprehensor*, a Teologia tomou esta palavra de uma carta de São Paulo: “Irmãos, eu não creio ter conquistado (*comprehendisse*) ainda o fim” (Fl 3, 13). Estar em caminho, ser *viator*, quer dizer caminhar até a felicidade; ter alcançado, ser *comprehensor*, quer dizer possuir a felicidade” (PIEPER, Josef. **Virtudes fundamentais**: as virtudes cardeais e teologais. São Paulo: Cultor de Livros, 2018, p. 331).

²⁰⁰ São conservados em um arquivo físico na Secretária Geral da Comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista, SP, alguns cadernos, bíblias, documentos e escritos do Padre Jonas Abib. São anotações pessoais de cunho espiritual, a maioria providas da *Lectio Divina* do fundador da Canção Nova e são de grande valia para expressar o seu pensamento. Por ocasião da escrita deste trabalho foi possível ter acesso a alguns desses escritos que não são publicados.

²⁰¹ Anotação pessoal do Padre Jonas Abib que se encontra no caderno de 21 de dezembro de 1983 conforme indicado na nota anterior.

que será a VIDA NOVA do MUNDO NOVO que Jesus virá instaurar. Amém! Vem Senhor Jesus!²⁰²

Também estava na forma de pensar do Padre Jonas a ideia de que a história caminha para um fim, caminha em direção a um rosto, leva ao Senhor. Assim ele escreveu em 1993 no seu caderno de anotações pessoais:

Estamos na iminência de se realizar o Desígnio de Deus. Re+Unir todas as coisas em Jesus Cristo. Re+Capitular = fazê-lo cabeça. A parusia-manifestação de Cristo está para acontecer. O Reino de Deus está para ser estabelecido. Jesus vem na sua Segunda Vinda para isso: estabelecer o Reino de Deus: colocar o Reino dos Céus na terra. Re+Unir céus novos e uma terra nova.

Deus está levando a história rapidamente à sua plenitude = ao ápice = aonde ela deveria chegar. Jesus que vem e estabelece o reino de Deus na terra. Assume o seu senhorio. Tudo é re+composto na unidade de uma única cabeça, Jesus o Cristo. Este é (e sempre foi) o eterno plano de Deus: criar um universo novo sob uma única cabeça: Jesus Cristo. Uni+ficado nele. Sob seu único senhorio.

Toda a história leva para isso. É a maturação da história. Leva para o Kyrios: para o Senhor. Leva para o Senhor do Universo e da História: quando ele assume o senhorio do universo e por isso também o senhorio da História. Ele toma a história nas mãos e agora começa a regê-la verdadeiramente. Leva para o Dia do Senhor: o dia que o Senhor começa a reger a história e todo o universo: céus e terra em suas mãos. Domingo: o dia do senhorio.^{203 204}

Dessa forma, portanto, essas perspectivas advindas da parusia como o dia de um Encontro Pessoal definitivo, da condição de peregrinos nesta terra, e da parusia como consumação da história, permeia não somente a vida do fundador, mas de todos os membros da comunidade. Por conseguinte, vale apresentar elementos da espiritualidade e da missão que elucidam a relação do carisma com a parusia.

3.2 - A Parusia e a espiritualidade da Canção Nova

O Carisma Canção Nova se manifesta na vida daqueles que foram vocacionados por Deus para exercer essa missão. Ao suscitar um novo carisma na Igreja, o Espírito Santo se encarrega de vocacionar pessoas que possam correspondê-lo, a esses grupos de pessoas é o que se conhece por comunidades. Essas comunidades possuem um estilo de vida próprio, uma forma de viver a espiritualidade e uma missão que correspondem àquilo que o carisma é.²⁰⁵

²⁰² Anotação pessoal do Padre Jonas Abib que se encontra em um caderno de 2005, conforme indicado na nota 200.

²⁰³ Transcrição feita de forma literal das anotações pessoais do Padre Jonas Abib.

²⁰⁴ Anotação pessoal do Padre Jonas Abib que se encontra em um caderno de 1993, conforme indicado na nota 200.

²⁰⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *op. cit.*, 1996, n. 62.

3.2.1 - A espiritualidade de encontros

A espiritualidade da Canção Nova, segundo o Padre Jonas, é a “espiritualidade de Jesus”.²⁰⁶ Ele explica que o objetivo dessa espiritualidade é “promover a união do nosso coração com o coração de Deus. É um suporte para que todo o nosso modo de viver nos faça cada vez mais íntimos de Jesus. E cada vez mais nos configure a Ele. Cada vez mais nos faça um com Ele: formando em nós um outro Cristo.”²⁰⁷ Por isso essa espiritualidade se baseia na vida de Jesus que tinha duas faces: “Jesus, que se entregou totalmente ao anúncio do Evangelho” e Jesus que “orava sem cessar”.²⁰⁸ Essa união íntima de Jesus com o Pai era a sua espiritualidade. Karl Adam considera esse “princípio íntimo, fixo e imutável” como “o alicerce de bronze de todos os atos e de todas as palavras de Jesus”. Essa união com o Pai constituía em Jesus o “princípio vital” de onde provinha tudo na sua vida.²⁰⁹ O teólogo chega a afirmar que “os evangelistas mostram constantemente que Jesus vive com o Pai e que essa união íntima se traduz em oração.”²¹⁰ Essa é a espiritualidade de Jesus, a relação íntima dele com o Pai que se traduzia na sua vida.

No Carisma Canção Nova a espiritualidade de Jesus encontra quatro elementos²¹¹ que a constituem. O primeiro deles é a “Oração ao Ritmo da Vida”. A exemplo de Jesus que “em tudo e por tudo, se unia ao Pai, em constante sintonia, perguntando-lhe tudo, buscando a sua vontade em cada situação”²¹² o membro da comunidade é chamado a ter essa “atitude orante” que perpassa todo o seu dia e sua atividade. O segundo elemento que compõe essa espiritualidade é o “Trabalho Santificado” que é definido pelo Padre Jonas como “o relacionamento de alguém que trabalha com Deus e para Deus e que, por isso, busca constantemente a vontade daquele para quem se trabalha”²¹³. O terceiro e o quarto elemento estão ligados ao orar sem cessar de Jesus, que era alimentado por momentos de estar a sós com o Senhor em profunda intimidade. O terceiro elemento é a “Busca dos Meios”, que é a busca por momentos com o Senhor, seja na oração pessoal, na adoração ao Santíssimo Sacramento, no terço, enfim, nas práticas de piedade apontadas pela regra de vida. A este elemento se soma o quarto, que é os “Tempos Fortes”, momentos de relacionamento intenso

²⁰⁶ Cf. ABIB, *op. cit.*, 2017, n. 1225-1234.

²⁰⁷ *Ibid.*, n. 1209.

²⁰⁸ *Ibid.*, n. 1211.

²⁰⁹ Cf. ADAM, Karl. **Jesus Cristo**: conferências sobre a fisionomia humana e divina de Cristo. São Paulo: Cultor de Livros, 2021, p. 157.

²¹⁰ *Ibid.*, p. 156.

²¹¹ Cf. ABIB, *op. cit.*, 2017, n. 844-872.

²¹² *Ibid.*, n. 1212.

²¹³ *Ibid.*, n. 1213.

com o Senhor, definidos pelo fundador como momentos de profunda intimidade, podendo esses ser programados para ser vividos, como é o caso da participação diária na Celebração da Eucaristia, e não programados, que são momentos que Deus se encarrega de visitar por meio de enfermidades, grandes mudanças, curas, guinadas espirituais etc.

A espiritualidade da Canção Nova é geradora de encontros diários com o Senhor, por isso destaca-se que o mais importante é que através desses elementos a “relação com Deus aconteça e se aprofunde.”²¹⁴ O lugar que o relacionamento com Jesus ocupa no carisma é um lugar de destaque, a ponto do Padre Jonas afirmar: “Nosso relacionamento pessoal e concreto com Deus é a coisa mais importante. É a fonte de tudo.”²¹⁵

Em cada elemento dessa espiritualidade bem vivido se há a possibilidade de, como Jesus, viver em constante intimidade com o Pai. O início de tudo isso está na experiência do Encontro Pessoal com Jesus que faz “a vida inteira ser vivida em referência a Ele”²¹⁶ e permite que por meio da espiritualidade esse encontro se atualize todos os dias. Por isso o fundador explicou: “A vida de oração, a nossa espiritualidade é a base de tudo. Se ela perde sua qualidade, tudo começa a se complicar e corre o risco de ruir.”²¹⁷ O processo é de constante vigilância para que não se desvie e que sempre que necessário se retome o relacionamento pessoal e se tenha consciência do que ele é e significa para a vivência do Carisma Canção Nova.

Para reassumir as nossas origens, temos que retomar, e pra valer, o que é a essência da nossa vida e da nossa consagração: Deus. Ele é o centro da nossa vida. Somos dele, foi Ele quem nos chamou, foi por Ele que deixamos tudo para assumir nossa vocação, é Ele quem está nos formando e encarnando em nós o carisma e a missão. Ele é o sentido da nossa vida. Ele é o primeiro em nossa vida, nosso primeiro amor, nosso único querer, nossa única riqueza.²¹⁸

3.2.2 - O “ponto alto” da espiritualidade da Canção Nova

Dentre todas as práticas espirituais que compõem a vivência da Espiritualidade de Jesus na Canção Nova, uma se destaca: a participação na Santa Missa. O Padre Jonas não a qualifica dentro da “Busca dos meios”, mas a apresenta como um “Tempo Forte”. Chama esse momento de “ponto alto”²¹⁹ do dia, porque o estatuto prevê a participação diária de todos os membros da comunidade na Santa Missa. O fundador afirma que a Canção Nova é um

²¹⁴ *Ibid.*, n. 1248.

²¹⁵ *Ibid.*, n. 1206.

²¹⁶ SUENENS, *op. cit.*, p. 78.

²¹⁷ ABIB, *op. cit.*, 2017, n. 1278.

²¹⁸ *Ibid.*, n. 1205.

²¹⁹ *Ibid.*, n. 862.

“Território Eucarístico”²²⁰ por conta da celebração da Santa Missa e da Adoração ao Santíssimo Sacramento que se faz diariamente.

A Celebração da Eucaristia é o cume da vida do missionário da Canção Nova, porque é “lugar de encontro”²²¹ com o Senhor que quer formá-lo e trabalhar na construção do homem novo. O padre afirma:

A Eucaristia é o ponto de chegada e de partida da nossa missão realizada concretamente, dia a dia. É lugar de encontro, de instrução e de discipulado. É momento de oferta e intercessão. É hora privilegiada de redenção pessoal e comunitária. É refeição, quando o alimento é o próprio restaurador e o homem se faz um com o Homem Novo, em cuja imagem está sendo feito. É o momento de profunda identificação com o Evangelizador e o Missionário do Pai, que nos reenvia, a cada novo dia, para as tarefas concretas da missão. A celebração da Eucaristia é o nosso tempo forte por excelência.²²²

A participação na Celebração Eucarística se torna, para a espiritualidade da Canção Nova, um lugar de encontro e ao mesmo tempo um lugar em que Deus forma o homem novo capaz de adentrar no Novo Céu e na Nova Terra que serão inaugurados com a Parusia.

Na Igreja primitiva a Eucaristia era celebrada como antecipação do reino futuro. Tudo que nela se celebra, se anuncia o que acontecerá no fim dos tempos. “Isso significa dizer que o que se vive aqui é também o que ainda está por vir”.²²³ Havia na comunidade primitiva um *maranathá* eucarístico que anunciava que da mesma forma que o Senhor estava vindo naquele momento na celebração eucarística virá no fim dos tempos, no término da história.²²⁴ Ou seja, a Eucaristia na concepção primitiva é uma antecipação da glória futura e na sua origem íntima ela já anuncia o gozo da parusia. A nova criação é antecipada, de forma misteriosa, onde se celebra a Eucaristia.²²⁵

A liturgia não celebra um evento relegado ao passado, mas no “hoje abraça todo o tempo da Igreja.”²²⁶ Ou seja, na celebração Eucarística há uma contemporaneidade com todo o mistério pascal de Cristo. Joseph Ratzinger apresenta essa ideia ao explicar os três níveis em que a liturgia acontece. A esses níveis ele chamou de sombra, imagem e realidade.²²⁷ Nas palavras do autor o nível da sombra é o mistério pascal de Cristo, o evento fundante da liturgia celebrada. Ele se encontra no passado, aconteceu no Calvário, mas no nível da

²²⁰ *Ibid.*, n. 1090; 1517.

²²¹ *Ibid.*, n. 866.

²²² *Ibid.*

²²³ RAMOS, Adailson de Jesus. **Morte, “situação intermediária” e ressurreição**: Uma análise da escatologia em Joseph Ratzinger. Monografia (Graduação em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica, Goiás, 2024. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/8528>. Acesso em: 14 out. 2025.

²²⁴ PEÑA, *op. cit.*, p. 128.

²²⁵ SCHMAUS, Michael. **Teologia Dogmática**: VII. Los novisimos. Madrid: RIALP, 1961, p. 128.

²²⁶ RATZINGER, Joseph. **Teologia da Liturgia**: O fundamento sacramental da existência cristã. Obras Completas, volume 11. Brasília: CNBB, 2019, p. 61.

²²⁷ Cf. *Ibid.*, 2019, p. 60.

imagem, que é o nível propriamente litúrgico, esse se faz presente no hoje. “O Gólgota histórico tende ao Gólgota místico da missa”.²²⁸ O evento do passado não terminou lá. Ele continua a ser “uma força perdurante dos presentes que sucedem”.²²⁹ O mistério pascal de Cristo excede o tempo, por isso, conseqüentemente “o tempo pode sempre, novamente, ser inserido nele”.²³⁰ Essa compreensão leva ao futuro. O nível da realidade é o nível do sempre.

Por isso é que na missa se insere um significado profundamente escatológico: ela anuncia, proclama e clama, por assim dizer, com todas as fibras da sua estrutura, o retorno glorioso do Senhor e o banquete *in regno Patris* na glória; porque a ação velada sob os símbolos sensíveis tende, conaturalmente, com todo o seu peso, à realidade desvelada e sem símbolos. Por isso “todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha” (1Cor 11,26). O simples fato de participar do corpo eucarístico e do sangue de Cristo é portanto proclamação diante do mundo da morte redentora do Senhor agora glorioso, mas escondido, morte que a eucaristia “comemora” e a seu modo, incruentamente, propõe *in sacramento*. Essa proclamação misteriosa da morte redentora de Cristo é o modo específico de proclamá-la, mesmo neste tempo intermediário entre a ascensão e a segunda vinda gloriosa do Senhor: quando ele se apresentar a todo o mundo no esplendor da sua glória, a eucaristia terá fim, porque o mistério cessa quando se completa e aparece em plena luz e sem véus aquela realidade que o mistério proclamava sob véus. O banquete messiânico continuará então desveladamente.

O mistério pascal de Cristo aconteceu *ephapax* (uma só vez), por isso abarca em si o passado, no acontecimento histórico como sombra; o presente, na liturgia celebrada como imagem; e o futuro, naquilo que acontecerá de uma vez por todas como realidade. Nesta concepção se pode afirmar que “toda Eucaristia é parusia, vinda do Senhor, e toda Eucaristia está fundada no desejo de que Ele revele seu oculto resplendor”.²³¹ Também é nesta concepção que São Bernardo de Claraval apresenta uma tríplice vinda do Senhor.²³² A primeira vinda é a na carne, a encarnação; a última é a na parusia; mas entre essas duas vindas há a vinda intermediária, em que Cristo continua a vir espiritualmente na graça e por meio dessa vinda conduz da primeira à última. Essa vinda intermediária é também a Eucaristia, porque na Celebração Eucarística ela já é realidade do que será na consumação da obra da criação, no pleno estabelecimento do Reino de Deus. Assim, não é espantoso afirmar que “a parusia é o ápice e a realização suprema da liturgia; esta, por sua vez, é parusia,

²²⁸ VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009, p. 159.

²²⁹ RATZINGER, *op. cit.*, 2019, p. 62.

²³⁰ *Ibid.*, p. 61.

²³¹ RATZINGER, *op. cit.*, 2020, p. 226-227.

²³² Cf. OFÍCIO Divino. **Liturgia da Horas**, segundo o rito romano. Volume I. Tempo de Advento e Tempo do Natal. São Paulo: Vozes, Paulinas, Paulus, 1995, p. 137-138.

acontecimento de parusia no meio de nós”.²³³ Nas palavras do Padre Jonas ela, a Eucaristia, é o “penhor da glória futura”.²³⁴

A Igreja primitiva entendeu tão bem a íntima relação entre Eucaristia e Parusia que a Didaché testemunha que os primeiros cristãos rezavam na ação de graças, após receberem a Eucaristia: “Venha a Tua graça e passe este mundo! Amém. Hosana à casa de Davi (Mt 21,15). Venha aquele que é santo! Aquele que não é (santo), faça penitência: maranata! (Cf 1 Cor 16, 22; Ap 22,20). Amém.”²³⁵

A Espiritualidade da Canção Nova bebe desta noção teológica de Eucaristia e a apresenta como ponto alto do relacionamento com Deus de cada membro da comunidade. Nas palavras do fundador ela é “o encontro pessoal diário com Aquele de quem somos e para quem trabalhamos.”²³⁶ Ou seja, a participação na Eucaristia, seja ela celebrada na Santa Missa ou adorada no Santíssimo Sacramento, é para os membros da comunidade a oportunidade por excelência de se renovar o Encontro Pessoal com Jesus em vista do encontro definitivo na parusia. Nela cada membro da comunidade leva não somente a si, mas toda a comunidade à Redenção de Jesus. Afirma o padre:

Não é de uma simples cerimônia que participamos. É infinitamente mais. Todos os dias levamos a Canção Nova à redenção de Jesus. Diariamente a imergimos na redenção de Jesus, que acontece de novo em cada Eucaristia. É como o sangue que o coração leva ao pulmão e aí é renovado pelo oxigênio. Diariamente a Canção Nova é levada ao coração de Jesus e Ele a renova, na Sua redenção. Estamos diante de um mistério, mas de grande realismo.²³⁷

Outrossim, a Eucaristia celebrada na Santa Missa, por mais que seja o “ponto alto” da espiritualidade da Canção Nova, ultrapassa a mesma espiritualidade. Ela se torna o ponto de chegada e partida da vida e da missão de toda a comunidade.²³⁸ Por isso, a Eucaristia é também a fonte da missão. Afirma o fundador: “A redenção que levamos às inúmeras pessoas todos os dias é aquela que se realizou na cruz e que, ao mesmo tempo, se renova em cada Eucaristia. Somos portadores desta redenção, da qual também participamos todos os dias.”²³⁹ Ou seja, a Eucaristia como antecipação da glória futura é, no carisma Canção Nova, “ponto alto” da espiritualidade; lugar de encontro pessoal diário com Deus; lugar da formação do

²³³ RATZINGER, *op. cit.*, 2020, p. 226.

²³⁴ Nota fornecida por Padre Jonas Abib na pregação “Eucaristia, penhor da glória futura”, em Cachoeira Paulista, SP.

²³⁵ PADRES APOSTÓLICOS. *Patrística*, *op. cit.*, Didaqué, n. 10.

²³⁶ ABIB, *op. cit.*, 2017, n. 684.

²³⁷ *Ibid.*, n. 864.

²³⁸ Cf. *Ibid.*

²³⁹ ABIB, *op. cit.*, 2017, n. 1091.

homem novo; e fonte e cume da oração, da vida e da missão de cada missionário da comunidade.

3.3 - A Parusia e a missão da Canção Nova

A missão da Canção Nova é “evangelizar, comunicar Jesus Cristo e a vida nova que Ele trouxe [...] para formar homens novos para o Mundo Novo”.²⁴⁰ Segundo o diretório da comunidade é por meio dessa missão que a comunidade “prepara e apressa a vinda gloriosa do Senhor. Essa feliz expectativa do Senhor que vem é o que move toda a ação evangelizadora da Comunidade [...] A própria vida dos membros está em função desta missão.”²⁴¹ Aqui a ligação com o artigo de fé da Parusia é clara, mas pode ser aprofundada.

Das relações até aqui apresentadas do Carisma Canção Nova com a Parusia, a relação com a missão tem um lugar de destaque, porque salienta uma atitude. O retorno do Senhor em glória muitas vezes foi interpretado como um evento que se espera de forma passiva, como aconteceu com a comunidade dos Tessalonicenses a quem Paulo escreveu. Mas pelo contrário, a consciência de que o Senhor voltará precisa gerar um impulso missionário. “A escatologia não deve ocupar-se apenas com o ‘além’, mas também com a esperança efetiva já no ‘aquém’.”²⁴² Uma compreensão deturpada desta escatologia a transformaria em imanentista, considerando a matéria como o fim de tudo; ou somente transcendente, desconexa com a vida prática. “A expectativa da parusia de Jesus não dispensa do compromisso neste mundo, mas, ao contrário, cria responsabilidade face ao Juiz divino acerca do nosso agir neste mundo”.²⁴³ A vinda definitiva de Cristo na glória “não leva à resignação ou à fuga do mundo, mas sim libera nos fiéis uma dinâmica de ação para o amor ao próximo e a mudança do mundo, bem como ao anúncio universal da mensagem de salvação.”²⁴⁴

O Padre Jonas entendeu isso e buscou apresentar a parusia não como um evento em que se espera passivo, mas se espera com atitudes missionárias. Escreveu em uma anotação pessoal na Bíblia que usava em 1984: “O anúncio dos últimos tempos seguem-se duas advertências: 1º Vigiai (virgens); 2º Frutificar-render. Não é para ficar com medo ou cruzar os braços. É para agir e salvar a muitos”.²⁴⁵ O advento de Cristo é comprometimento missionário

²⁴⁰ COMUNIDADE CANÇÃO NOVA, *op. cit.*, 2020, n. 13.

²⁴¹ *Ibid.*

²⁴² NOCKE, *op. cit.*, 2012, p. 341.

²⁴³ BENTO XVI, Papa. **Oração e Santidade**: Catequeses ao Povo de Deus. São Paulo: Molokai, 2018, p. 428.

²⁴⁴ MÜLLER, *op. cit.*, p. 381.

²⁴⁵ Anotação pessoal do Padre Jonas Abib que se encontra nas folhas da Bíblia usada no ano de 1984, conforme indicado na nota 200.

e isso se apresenta evidente na missão da Canção Nova, principalmente no seu aspecto pessoal, em que todos os missionários vivem nesta expectativa; e no aspecto comunitário, em que todos vivem em função da missão de evangelizar.

3.3.1 - A finalidade do Carisma Canção Nova

Ao se falar da missão é perceptível que ela aponta para um fim, para uma espécie de teleologia, mas que não se finda na natureza. Na verdade, o fim do carisma é escatológico, tende para o eterno. A finalidade do carisma é a formação de homens novos para o Mundo Novo. O Padre Jonas deixou claro quando afirmou que o Mundo Novo que se aponta na finalidade do carisma é o mundo que irá se inaugurar com a vinda gloriosa do Senhor. Afirmou o padre:

Quando falo em Mundo Novo (e o destaco com letra maiúscula), não estou falando simplesmente em um mundo melhor agora, no momento presente, e nem somente neste mundo que vai se tornando novo. Apesar de que queremos que isso aconteça também. Buscamos e damos o nosso melhor para que este mundo seja melhor. Que ele se renove, se torne cada vez mais novo. Mas, quando falo em Mundo Novo, estou falando do mundo que há de vir com a volta de Jesus, na qual cremos e esperamos em alegre expectativa. O Mundo Novo virá com a vinda de Jesus. Estamos preparando e tornando cada vez mais próxima a vinda do Senhor Jesus. Ele vai inaugurar esse Mundo Novo.²⁴⁶

Portanto, a finalidade do carisma Canção Nova é evangelizar em vista da vinda gloriosa. Porque o Senhor prometeu que voltaria, há um empenho para que um povo seja preparado para acolhê-lo em santidade. Como recorda o Concílio Vaticano II, o homem novo é Cristo. “Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado.”²⁴⁷ Ou seja, a missão de formar homens novos para o Mundo Novo é a missão de “bem preparar para o Senhor um povo que possa recebê-lo; que possa participar dessa nova ordem, dessa sociedade nova: Céus Novos e Terra Nova.”²⁴⁸ Um povo que se configure a Jesus Cristo em santidade.

O próprio nome “Canção Nova” é detentor desta finalidade, porquê Canção Nova é o Cântico Novo (Ap 14,3), o cântico dos remidos²⁴⁹, o cântico entoado na eternidade diante do trono do Cordeiro como recorda o livro do Apocalipse (Ap 5, 9-10; 15, 3-4). “A Comunidade Canção Nova assume o compromisso de ser este cântico para a Igreja e para o mundo”.²⁵⁰ A

²⁴⁶ ABIB, *op. cit.*, 2017, n. 949-950.

²⁴⁷ CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *GAUDIUM ET SPES* SOBRE A IGREJA NO MUNDO DE HOJE, *op. cit.*, n. 22.

²⁴⁸ ABIB, *op. cit.*, 2017, n. 950.

²⁴⁹ Cf. COMUNIDADE CANÇÃO NOVA, *op. cit.*, 2014, n. 2 §2.

²⁵⁰ *Ibid.*

vivência do Carisma Canção Nova em tudo que ele comporta busca antecipar no hoje o que se viverá na eternidade de forma perfeita. Ao escrever sobre essa finalidade e missão o Padre Jonas aponta para São João Batista.

3.3.2 - O modelo de São João Batista

João Batista é o único personagem do Novo Testamento, além de Jesus, de quem se conhece a vida, desde o nascimento até a morte. Conhece-se o desígnio providente de Deus a seu respeito ao enviar um anjo a seu pai Zacarias (Lc 1, 5-25). Foi o último dos profetas, primo de Jesus, santificado já no ventre materno (Lc 1, 39-41), viveu uma vida austera (Mt 3, 1-5; Mc 1, 4-5) e foi considerado o precursor do Messias (Jo 1, 23). João aparece no relato dos quatro evangelhos e ocupa um lugar de destaque nos relatos que antecedem a vida pública de Jesus.²⁵¹ A ele foi confiada a missão outrora profetizada pelo profeta Isaías (Is 40, 3) de preparar o caminho do Senhor. Em outras palavras, João foi o primeiro a preparar um povo para receber o Senhor, por isso o Padre Jonas olha para João Batista e enxerga na missão dele a missão da Canção Nova.

Em uma pregação para alguns membros da comunidade, datada de 04 de janeiro de 2001, o Padre Jonas afirma que a missão da Canção Nova é a mesma missão de João Batista. Citando o texto bíblico de Jo 1, 19-51 ele afirma:

Gente, aí está o carisma da Canção Nova. O carisma da Canção Nova é o carisma de João posto em prática. É apontar Jesus, e até mesmo abrir mão de tudo, abrir mão de si, e abrir mão até dos próprios discípulos, para levar para Jesus. Mas uma coisa importante, que não é só apontar Jesus, não é só falar de Jesus, mas é patrocinar, é fazer o que? É criar meios, é criar ambiente para que as pessoas tenham um encontro pessoal com Jesus, para que essas pessoas tendo um encontro pessoal com Jesus, elas também comuniquem Jesus, elas também levem as pessoas para Jesus, e elas patrocinem, elas façam com que elas criem ambiente para que outros tenham seu encontro pessoal com Jesus.²⁵²

Como João Batista comunicou Jesus, a Canção Nova é chamada a comunicar Jesus e a vida nova que Ele trouxe. Segundo o Padre Jonas, “o carisma da canção nova é o carisma de João Batista, que é apresentar Jesus, levar as pessoas a ter uma experiência e um encontro pessoal com Jesus, e levá-los à graça de Batista no Espírito.”²⁵³ Portanto, na vida de João Batista, segundo o fundador, se encontra a definição do Carisma Canção Nova, a sua

²⁵¹ Cf. LAURENTIN, René. **João Batista**: O precursor do messias. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 6-7.

²⁵² Nota fornecida por Padre Jonas Abib na pregação “O que é o carisma Canção Nova, parte 1”, em 04 de janeiro de 2001.

²⁵³ Nota fornecida por Padre Jonas Abib na pregação “Nosso carisma, nossa formação, parte 1”, em 05 de janeiro de 2001.

finalidade e a sua missão. Essa evangelização, aos moldes de João Batista, ganha como característica a urgência.

3.3.3 - A característica de “urgência” da Evangelização

O discurso escatológico de Jesus anuncia alguns sinais que antecederão a parusia como a perseguição (Mc 13,9) e o anúncio do evangelho a todo o mundo (Mt 24, 14; Mc 13, 10). Este último foi de grande importância para a Igreja primitiva porque anunciava o tempo dos pagãos, o tempo da Igreja, o tempo dos gentios. “O fim do mundo só pode chegar quando se tiver levado o Evangelho a todos os povos. O tempo dos pagãos - o tempo da Igreja dos povos do mundo - não é uma invenção de São Lucas (Lc 21, 24); é patrimônio comum da tradição de todos os Evangelhos.”²⁵⁴ Essa consciência de que o fim de tudo só chegaria com o anúncio do Evangelho a todos os povos era impulso evangelizador, isso concedia a pregação apostólica o caráter de urgência.

Nesse sentido, a urgência da evangelização da geração apostólica não está motivada tanto pela questão sobre a necessidade de se conhecer o Evangelho para a salvação individual, mas antes por essa grande concepção da história: para que o mundo alcance sua meta, o Evangelho deve chegar a todos os povos. Em alguns períodos da história, a percepção dessa urgência se debilitou, mas sempre se tornou a reavivar, suscitando um novo dinamismo na evangelização.

A missão da Canção Nova se fundamenta nesta concepção de evangelização. O Padre Jonas escrevendo para os membros da comunidade afirma: “O próprio Senhor colocou nos nossos corações um impulso de urgência na missão de evangelizar os batizados no tempo presente.”²⁵⁵

Os primeiros cristãos não erraram ao viver a urgência do anúncio do Evangelho. Aparentemente o fato do retorno do Senhor não ter acontecido na geração deles é um grande fracasso, mas não, “o Senhor queria que os cristãos vivessem em regime de urgência”²⁵⁶ e a Igreja de hoje “perdeu esse caráter de urgência”.²⁵⁷ A missão da Canção Nova coloca os seus membros a viverem em regime de urgência. O Padre Jonas afirmou que o carisma da Canção Nova é um “carisma de urgência”.²⁵⁸ A dimensão dos fins dos tempos se encarrega de colocar

²⁵⁴ RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré**: contribuições para a cristologia. Obras Completas, volume 6, Tomo I. Brasília: CNBB, 2021, p. 440.

²⁵⁵ ABIB, *op. cit.*, 2017, n. 167.

²⁵⁶ Nota fornecida por Padre Jonas Abib na pregação “O tempo abreviou-se”, em Cachoeira Paulista, SP.

²⁵⁷ *Ibid.*

²⁵⁸ Nota fornecida por Padre Jonas Abib na pregação “Na Canção Nova é assim”, em 11 de junho de 2002.

a comunidade em caráter de urgência e a faz exercer a missão dessa forma.²⁵⁹ Por não saber o dia e a hora a missão se faz em aproveitar todos os instantes para evangelizar e promover o Encontro Pessoal com Jesus no poder do Espírito Santo.

3.3.4 - A pregação sobre a Parusia

O anúncio do Evangelho realizado pela Comunidade Canção Nova é marcado pela pregação sobre a parusia. Se os membros são chamados a viverem na expectativa do Senhor que vem isso também permeia o conteúdo da evangelização. O Padre Jonas, fundador da comunidade, dedicou inúmeros anos da sua vida em vista da pregação sobre este artigo de fé, sempre entendendo que tudo que a comunidade realiza tem em vista o retorno do Senhor. No livro “Céus Novos e uma Terra Nova” ele escreveu:

A conversão não é algo para a última hora, quando os acontecimentos anunciados começarem a se concretizar. Trata-se de algo para agora, e precisa acontecer a cada dia. Deve-se levantar a cada manhã disposto a se converter, e à noite pedir perdão dos pecados e querer ser melhor no dia seguinte. Se não há a perspectiva do mundo que há de vir, da Parusia, do Apocalipse, de uma terra nova, nunca haverá algum movimento para a conversão.²⁶⁰

Desta evangelização se destaca alguns temas, como o chamado à conversão, a luta pela santidade, o uso dos carismas do Espírito Santo descritos em 1 Cor 12, 1-11, e o Batismo no Espírito Santo.

É uma característica da Igreja primitiva o “viver santamente”²⁶¹ na espera da vinda do Senhor. São Pedro já exortava os cristãos a entender que a demora do Senhor era porque ele estava usando de paciência para que ninguém se perdesse (2 Pd 3, 9). Por isso o chamado à conversão e a uma vida de santidade são características essenciais de uma evangelização que tem em vista a parusia. A Canção Nova entendeu isso e se empenha nesse convite. O Padre Jonas escreveu: “Queremos que todos se salvem, por isso continuaremos pregando, gritando e escrevendo para aqueles que vivem na injustiça, maldade, corrupção, engano: ‘Acordem e se voltem para Deus’”.²⁶²

Outros temas frequentes nas pregações da Canção Nova são o uso dos carismas do Espírito Santo e o Batismo no Espírito Santo. O Padre Jonas sempre entendeu e ensinou que o

²⁵⁹ Nota fornecida por Padre Jonas Abib na pregação “Deus vivo e vivido e a identificação da Canção Nova”, em 25 de abril de 1998.

²⁶⁰ ABIB, Jonas. **Céus Novos e uma Terra Nova**. São Paulo: Canção Nova, 2009, p. 127.

²⁶¹ Cf. LADARIA, *op. cit.*, p. 347.

²⁶² ABIB, *op. cit.*, 2009, p. 87.

tempo privilegiado de derramamento do Espírito Santo que a Igreja vive no presente é um grande sinal da parusia.

O único jeito de fazer com que o Evangelho alcance o povo - os jovens, as crianças, os universitários, os membros da nossa família, todas as pessoas que ainda não encontraram Jesus - é pelo poder do Espírito, é pelo batismo no Espírito Santo. A verdadeira evangelização começa com pessoas cheias do Espírito Santo e conclui-se com as pessoas que receberam o anúncio do Evangelho.²⁶³

A seriedade da pregação sobre a parusia não rouba a alegria e a expectativa pelo Senhor que vem, ao contrário, se transforma em impulso por uma evangelização comprometida e alegre.

3.3.5 - Maranathá

A escatologia faz o cristão viver a tensão escatológica do “já” e do “ainda não”.²⁶⁴ O Cristo já está no meio de nós, mas ainda não de forma gloriosa e definitiva. “Viver o cristianismo significa estar preparado para o que está prestes a acontecer”.²⁶⁵ Essa tensão levou os cristãos a viverem na expectativa pela vinda do Senhor e a rezarem “maranathá”, vem Senhor Jesus. Essa expressão “é a alegre anunciação da presença do Senhor e, ao mesmo tempo, a súplica ao Senhor para que ele venha, uma vez que, mesmo estando presente, Ele permanece sendo Aquele que está por vir”.²⁶⁶ Por esta concepção essa expressão se torna um paradoxo, significa uma experiência completamente inédita: se espera alguém presente, perto, não longe.²⁶⁷ Nessa alegre tensão vive o cristão, tendo consciência de que aquele que virá plenificará e eternizará a vida de intimidade já começada nesta terra.

Aguardar a vinda gloriosa é uma atitude de esperança e ao mesmo tempo de desejo.²⁶⁸ A parusia é um acontecimento de esperança, por isso que a oração do maranathá é atualizada em cada celebração eucarística quando a assembleia reza “vinde Senhor, Jesus”.²⁶⁹ Esse mesmo pedido encontra-se na oração do Pai Nosso quando se pede que venha o seu Reino.²⁷⁰ Ambas as orações mostram que o desejo da Igreja continua sendo o da esposa do livro do Apocalipse que espera pelo seu esposo (Ap 22,17).

²⁶³ ABIB, Jonas. **Preparai o Caminho do Senhor**. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2016, p. 33.

²⁶⁴ Ver capítulo 1, ponto 1.1.

²⁶⁵ GUARDINI, *op. cit.*, 2021, p. 697.

²⁶⁶ RATZINGER, *op. cit.*, 2020, p. 31-32.

²⁶⁷ PEÑA, *op. cit.*, p. 140.

²⁶⁸ Cf. POZO, Candido. **Teología del más allá**. Madrid: BAC, 1968, p. 124.

²⁶⁹ MISSAL ROMANO. Brasília: CNBB, 2023, p. 531.

²⁷⁰ Cf. POZO, *op. cit.*, p. 124.

A sinceridade da oração do maranathá não se improvisa. Só enraizado em uma sólida virtude da esperança, iluminado pela luz e a força do Espírito Santo é que o homem é capaz de esperar com confiança a vinda do Senhor.²⁷¹ O Padre Jonas entendeu isso e ensinou para a Comunidade Canção Nova e o povo de Deus: “precisamos viver cada dia como se Ele viesse hoje, para que, no dia em que Ele vier, estejamos preparados.”²⁷²

Atualizando o maranathá bíblico a Comunidade Canção Nova, pela boca do seu fundador, assume a sua missão de preparar um povo bem disposto para a vinda gloriosa do Senhor e reza:

Senhor, a sua vinda é certa, e nós acolhemos o seu anúncio como está na Bíblia. Estamos abertos, Senhor, pressurosos para que o Senhor venha logo. Não sabemos quando o Senhor virá, mas é certo:
O senhor virá e o Senhor não tardará.
Que eu seja santo, santo, santo
pois Deus é Santo, Santo, Santo
Que a santidade da minha vida
apresse o Senhor e Ele logo virá.
Senhor, estamos no aguardo; queremos que caia todo medo, toda ansiedade, todo desespero. Pelo contrário, que na alegria de filhos esperemos este dia glorioso.
Senhor, acolhemos a Tua Palavra: "Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: "Alegrai-vos". Senhor, dai-nos o dom da alegria, para que na paz e na serenidade, aguardemos os acontecimentos que hão de vir. Haverá uma grande tribulação, mas logo em seguida o Senhor virá. Então, Senhor, não tememos, nem mesmo a grande tribulação; ela será purificação.
Purifica, Senhor, purifica a Igreja, purifica a humanidade, purifica a face da terra. Que tudo se faça novo. Eis-nos aqui, Senhor, proclamando: "Anunciamos, Senhor, a vossa vinda, e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!". Amém.²⁷³

A promessa do Senhor continua sendo a mesma: “Sim, eu venho em breve” e a resposta da Igreja continua sendo: “Amém, vem Senhor Jesus!” (Ap 22, 20).

²⁷¹ Cf. SCHMAUS, *op. cit.*, p. 143.

²⁷² ABIB, *op. cit.*, 2016, p. 127.

²⁷³ *Ibid.*, p. 139-140.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo de fé da Parusia não é uma letra morta diluída no meio das verdades de fé contidas no Credo Apostólico, pelo contrário, ele aponta para o fim da criação, para o momento em que a obra criada será concluída e o Reino de Deus, ainda movido pela tensão escatológica do “já” e “ainda não”, será estabelecido por completo. Esse artigo portanto gera implicações práticas na vida dos fiéis que professam essa fé.

No Carisma Canção Nova o artigo de fé da Parusia ocupa um lugar de destaque, sendo que é difícil compreender este carisma se o apartar da consciência de que a parusia é um dado de fé e que a Igreja caminha em direção a esse dia bendito e glorioso. Na própria definição do Carisma se encontra este artigo de fé, bem como na espiritualidade e na missão.

O Encontro com Cristo tão promovido pelos missionários da Comunidade Canção Nova tem em vista o dia da parusia e a vida com Deus na espiritualidade se torna uma forma de manter vivo o desejo de se encontrar com Jesus definitivamente. A própria missão da comunidade acontece por causa da vinda de Jesus em glória e ganha características de urgência por causa deste dia futuro. Ou seja, as implicações da fé na parusia ganham respostas práticas que movem a conduta de vida de cada missionário da Comunidade Canção Nova.

O presente trabalho focou a presença deste artigo de fé em três áreas específicas do Carisma Canção Nova, a saber, a definição, a espiritualidade e a missão. Por conseguinte, em pesquisas futuras é possível encontrar este artigo como fundamento de cada elemento constitutivo deste carisma apresentado pelo fundador, Padre Jonas Abib.

Diante do exposto, é possível concluir que há lugares de destaque deste artigo de fé no Carisma Canção Nova e também é possível perceber que o seu campo de pesquisa pode ser ainda mais abrangente e útil para uma explicação teológica do referido carisma.

REFERÊNCIAS

ABIB. Mons. Jonas. **Canção Nova uma obra de Deus**: nossa história, identidade e missão. São Paulo: Canção Nova, 2010a.

_____. **Céus Novos e uma Terra Nova**. São Paulo: Canção Nova, 2009.

_____. **Nossos Documentos**: As fontes do carisma Canção Nova. São Paulo: Canção Nova, 2017.

_____. **Preparai o Caminho do Senhor**. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2016.

_____. **Reinflama o Carisma**. São Paulo: Canção Nova, 2010b.

_____. **Vocação um desafio de amor**. São Paulo: Canção Nova, 2011.

ADAM, Karl. **Jesus Cristo**: conferências sobre a fisionomia humana e divina de Cristo. São Paulo: Cultor de Livros, 2021.

ADORNO, Leandro Raser. **Renovação no Espírito Santo e serviço ao homem**: Uma atualização do III Documento de Malinas. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/25976>. Acesso em: 30 set. 2025.

BENTO XVI, Papa. **Deus Caritas Est**. In: ENCÍCLICAS DE BENTO XVI. São Paulo: Paulus, 2021.

_____. **Oração e Santidade**: Catequeses ao Povo de Deus. São Paulo: Molokai, 2018.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução de Samuel Martins Barbosa *et al.* São Paulo: Paulus, 2002.

BRAGA, Pe. Eduardo. **O Papa Francisco e a Renovação Carismática Católica**. Rio Bonito: Cenáculo Universal, 2017.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. **Quando Cristo vem...**: a parusia na escatologia cristã. São Paulo: Paulus, 2001.

CANTALAMESSA, Raniero. **A sóbria embriaguez do Espírito**. São Paulo: ComDeus, 2019.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 5. ed. Brasília: CNBB, 2022.

CHAGAS, Dom Cipriano. **Pentecostes é hoje**: um estudo sobre a renovação carismática católica. São Paulo: Paulinas, 1977.

CHALITA, Gabriel. **Eu acredito em milagres**: a história de Mons. Jonas Abib. São Paulo: Canção Nova, 2010.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

COMISSÃO DOCTRINAL - RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA INTERNACIONAL. **Batismo no Espírito Santo**. Canas: RCCBRASIL, 2013.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. **Tornar-se Cristão** - Inspirações da Escritura e dos textos da Patrística com algumas reflexões contemporâneas. Brasília: Edições CNBB, 2010.

COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2005.

COMUNIDADE CANÇÃO NOVA. **Nosso Estatuto**. São Paulo: Canção Nova, 2014.

_____. **Nosso Diretório**. São Paulo: Canção Nova, 2020.

CONGAR, Yves. **Ele é o Senhor e dá a vida**. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta Iuvenescit Ecclesia**. São Paulo: Paulinas, 2016.

CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *DEI VERBUM* SOBRE A REVELAÇÃO DIVINA. *In*: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *GAUDIUM ET SPES* SOBRE A IGREJA NO MUNDO DE HOJE. *In*: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *LUMEN GENTIUM* SOBRE A IGREJA. *In*: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Loyola, 2007.

DICIONÁRIO TEOLÓGICO ENCICLOPÉDICO. São Paulo: Loyola, 2003.

FERREIRA, Wagner. **Comunidade Canção Nova**: uma escola de formação. São Paulo: Canção Nova, 2012.

FRANCA, Leonel. **A Crise do mundo moderno**. Campinas, SP: CEDET, 2019.

GARRIGOU-LAGRANGE, R. **O Homem e a Eternidade**. A vida eterna e a profundidade da alma. Campinas, SP: CEDET, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUARDINI, Romano. **O Senhor**: reflexões sobre a pessoa e a vida de Jesus Cristo. São Paulo: Cultor de Livros, 2021.

IRINEU DE LIÃO. Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO PAULO II, Papa. **Vita Consecrata**. São Paulo: Paulinas, 1996.

JOÃO PAULO II, Papa. **Mensagem aos participantes no Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais**. 27 de maio de 1998. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_1_9980527_movimenti.htm. Acesso em: 30 set. 2025.

JUANES, Benigno. **Introdução aos Carismas**. São Paulo: Loyola, 2001.

JUSTINO DE ROMA. Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.

KÜNSH, Dimas. **O padre**: história de vida de padre Jonas Abib. São Paulo: Canção Nova, 2023.

LADARIA, L. F. Fim do homem e fim dos tempos. In: SESBOÜÉ, Bernard. **O Homem e sua Salvação**. São Paulo: Loyola, 2003. Tomo 2.

LAURENTIN, René. **João Batista**: O precursor do messias. São Paulo: Paulinas, 2002.

LAURENTIN, René. **Pentecostalismo entre os Católicos**. Petrópolis: Vozes, 1977.

MAFFI, Bruno. **Pois a promessa é para vós - 1969-2019.** Os 50 anos da Renovação Carismática Católica no Brasil. Canas: RCCBRASIL, 2019.

MANSFIELD, Patti Gallagher. **Como em um novo Pentecostes** - o surpreendente início da Renovação Carismática Católica. Canas: RCCBRASIL, 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARÍN, Antonio Royo. **Teologia da perfeição cristã.** Anápolis: Magnificat, 2020.

MCDONNELL, Kilian; MONTAGUE, George. **Iniciação cristã e batismo no Espírito Santo.** Rio de Janeiro: Edições Louva-a-Deus, 1995.

MCDONNELL, Kilian. **Rumo a um Novo Pentecostes para uma Nova Evangelização:** Documento de Malines I. Canas: RCCBRASIL, 2020.

MISSAL ROMANO. Brasília: CNBB, 2023.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática católica:** teoria e prática da teologia. Petrópolis: Vozes, 2015.

NOCKE, Franz-Josef. **Escatología.** Barcelona: Herder, 1984.

_____. Escatologia. In: SCHNEIDER, Theodor (org.). **Manual de Dogmática.** Petrópolis: Vozes, 2012. v. II.

PADRES APOLOGISTAS. Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.

PADRES APOSTÓLICOS. Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.

PAGANOTTO, Diones Rafael. **A Parusia de Cristo segundo Paulo:** um estudo exegético-teológico de 1 Ts 4, 13-18. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18371>>. Acesso em: 28 maio 2025.

PAULO VI, Papa. **Evangelii Nuntiandi.** São Paulo: Paulinas, 2011.

PEÑA, Juan L. Ruiz de la. **La Pascua de la Creación.** Escatologia. Madrid: BAC, 2011.

PEREIRA, Douglas Azevedo. **A Escatologia de Joseph Ratzinger**: análises e contribuições. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=54920&idi=1>. Acesso em: 10 maio 2025.

PIEPER, Josef. **Virtudes fundamentais**: as virtudes cardeais e teologais. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

PIO XII, Papa. *Mystici Corporis Christi*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html. Acesso em: 22 set. 2025.

POZO, Candido. **Teología del más allá**. Madrid: BAC, 1968.

RAMOS, Adailson de Jesus. **Morte, “situação intermediária” e ressurreição**: Uma análise da escatologia em Joseph Ratzinger. Monografia (Graduação em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica, Goiás, 2024. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/8528>. Acesso em: 14 out. 2025.

RANAGHAN, Kevin; RANAGHAN, Dorothy. **Católicos Pentecostais**. Pindamonhangaba, SP: O. S. Boyer, 1972.

RATZINGER, Joseph. **Dogma e anúncio**. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **Escatologia**. São Paulo: Molokai, 2020.

_____. **Introdução ao Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Jesus de Nazaré**: contribuições para a cristologia. Obras Completas, volume 6, Tomo I. Brasília: CNBB, 2021.

_____. **Teologia da Liturgia**: O fundamento sacramental da existência cristã. Obras Completas, volume 11. Brasília: CNBB, 2019.

ROCCA, Giancarlo. **O Carisma do Fundador**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. 4. ed. Tradução de Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 2016. v. 3.

SCHMAUS, Michael. **Teologia Dogmatica**: VII. Los novisimos. Madrid: RIALP, 1961.

SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo**: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Vida, 2009.

SUENENS, Léon-Joseph. **Movimento Carismático**. Lisboa: São Paulo, 1996.

VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009.